



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO CURSO DE PEDAGOGIA:  
RELATO DE EXPERIÊNCIAS**

**LARISSA SOARES NOGUEIRA**

**BRASÍLIA - DF**

**2019**

**LARISSA SOARES NOGUEIRA**

**A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO CURSO DE PEDAGOGIA:  
RELATO DE EXPERIÊNCIAS**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - FE/UnB como requisito para a obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza.

BRASÍLIA - DF

2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO CURSO DE PEDAGOGIA:  
RELATO DE EXPERIÊNCIAS**

Trabalho de Conclusão de curso aprovado  
como requisito final para a obtenção do título  
de Pedagogo - Licenciatura Plena,  
Universidade de Brasília, pela seguinte banca  
examinadora:

**Comissão examinadora:**

---

Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza  
Orientadora – Faculdade de Educação/MTC/UnB

---

Profa. Dra. Otília Maria A. da N. A. Dantas  
Membro - Faculdade de Educação/ MTC/UnB

---

Mestre em Educação Ana Cristina D. A. Rosa  
Membro - Faculdade de Educação

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pela sua imensa graça e bondade que me permitiu chegar até aqui.

À minha mãe Vilany, a qual esteve sempre me apoiando e me incentivando para o caminho dos estudos; e celebrando junto a mim as minhas conquistas.

À minha irmã Letícia, que me deu forças e incentivou a continuar, quando o desânimo e o desespero tomaram conta de mim e que também, comemorou as minhas vitórias.

Aos meus amigos que me apoiaram em momentos de fraqueza e me incentivaram.

À minha orientadora que colocou-se à disposição para me ajudar, me apoiou e me incentivou a permanecer firme.

À minha madrinha Valdirene, que mesmo de longe e indiretamente me ajudou, pois é um grande ser humano e é a pessoa na qual inspiro-me todos os dias para ser alguém melhor.

A todos que mesmo não mencionados, apoiaram-me e ajudaram -me de alguma forma.

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os impactos da Residência Pedagógica na formação dos licenciandos de Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, participantes do programa, de forma a compreender suas contribuições e desafios. A Residência Pedagógica é um programa novo na UnB e por isso a pesquisa desdobra-se sob o prisma das experiências dos próprios residentes. Quanto ao referencial teórico, empenhei-me em esplanar a formação de professores e a importância da práxis, como também explorar e entender a Residência Pedagógica em relação ao estágio supervisionado convencional. A metodologia qualitativa se constituiu de instrumentos de coleta de dados tais como: questionário e entrevistas semiestruturadas. Os resultados da pesquisa apontam alguns desafios da Residência Pedagógica percebidos pelos residentes e preceptoras, como: aceitação de alguns professores quanto aos residentes; dificuldade pedagógica em fazer planos de aula e de ter estratégias metodológicas; e entendimento errôneo sobre a atuação dos residentes na escola. E por fim, as conclusões demonstram que, embora os desafios, a RP tem colaborado firmemente com a formação dos residentes do curso de Pedagogia da UnB, principalmente no que diz respeito à construção de sua identidade docente; a promoção de vivências e experiências nos demais campos da escola e a promoção de uma melhor compreensão sobre a docência.

**Palavras-Chave:** Residência Pedagógica; Formação Docente; Identidade Docente; Estágio Supervisionado.

## ABSTRACT

This research aimed to analyze the impacts of Pedagogical Residency on the training of graduates in Pedagogy of the University of Brasilia - UnB, participants of the program, in order to understand their contributions and challenges. The Pedagogical Residence is a new program at UnB and so this research unfolds from the perspective of the experiences of residents. As for the theoretical framework, I dedicate myself to planning teacher education and the importance of praxis, as well as exploring and understanding Pedagogical Residency compared to the conventional supervised internship. The qualitative method consists of data collection instruments such as: questionnaire and semi-structured interviews. The research results point out some challenges of Pedagogical Residence perceived by residents and preceptors, such as: acceptance of some teachers regarding residents; pedagogical difficulty in making lesson plans and having methodological strategies; and misunderstanding about the performance of school residents. Finally, it was demonstrated that, despite the challenges, the Pedagogical Residency strongly collaborated with the training of residents of the University of Brasília Pedagogy course, especially with regard to building their teaching identity; the promotion of experiences in other fields of school and the promotion of a better understanding of teaching.

**Keywords:** Pedagogical Residence. Teacher training. Teaching identity. Supervised internship.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b>	4
<b>RESUMO</b>	5
<b>ABSTRACT</b>	6
<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>DESCRIÇÃO METODOLÓGICA</b>	10
<b>1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A IMPORTÂNCIA DA PRÁXIS - Memorial de formação</b>	12
<b>2. CONFIGURAÇÃO ATUAL DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: Um olhar indagador</b>	14
<b>3. O QUE DIZ O EDITAL N° 6/2018?: UMA ANÁLISE CRÍTICA</b>	19
3.1 Os residentes e a substituição dos professores regentes?	22
<b>4. CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA RP: Apresentando e discutindo os dados coletados</b>	26
4.1. As contribuições da RP para a formação dos Residentes de Pedagogia.	26
4.2. Relação entre Residência Pedagógica e estágio supervisionado	36
4.3. Relação dos residentes com as preceptoras	39
4.6. A percepção das preceptoras e professoras quanto à RP - Pedagogia/UnB	48
<b>A FORMAÇÃO DOCENTE EM SUAS MULTIFACETAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b>	54
<b>REFERÊNCIAS</b>	56
<b>APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre Esclarecido</b>	59
<b>APÊNDICE II - Questionário enviado aos residentes</b>	60

## INTRODUÇÃO

Conheci a Residência Pedagógica - RP durante o meio da minha graduação com uma proposta que de início era incerta, pois ninguém sabia de fato como seria. Com toda dúvida resolvi entrar. Ao começar a Residência Pedagógica fui vivendo a escola, professores, alunos e, principalmente, sentindo a certeza da docência. Esse programa tem me proporcionado grandes oportunidades no que diz respeito à minha formação, a conhecer o espaço de atuação da minha profissão, a aprender a lidar com os problemas que emergem do tal ofício e o que julgo mais importante: temos a oportunidade de compartilhar as experiências vividas com os outros colegas residentes, o que abre portas para novas ideias e soluções. Por último, mas não menos importante, a oportunidade de viver a docência e ter a certeza ou não do que quero fazer.

Diante de todas as vivências tidas na Residência, surgiu em mim a grande vontade de pesquisar e entender os impactos da Residência Pedagógica para a formação dos licenciandos participantes do programa através da minha experiência e a dos demais residentes, bem como explorar e entender a RP em relação ao modelo de estágio supervisionado atualmente adotado. Como sendo um programa novo, na UnB, não há, até então, pesquisas sobre a Residência Pedagógica na UnB, menos ainda dentro do curso de Pedagogia. Com isso, julgo ser importante, eu como residente e pioneira do programa na UnB (juntamente com os demais residentes da Pedagogia), contribuir com a literatura e as pesquisas sobre esse tema no âmbito da UnB sob uma visão dos próprios residentes. Dessa forma, portanto, tenho a necessidade de evidenciar, para além das colocações já citadas, as contribuições da RP para a formação do pedagogo, as experiências tidas pelos residentes, e fomentar a ideia de permanência e continuidade do programa.

Diante de todo exposto, levantei algumas questões que procurei entender com essa pesquisa e que, também me ajudaram a definir meus objetivos de pesquisa.

1. Quais os impactos que a Residência Pedagógica trouxe para a formação dos residentes de pedagogia?
2. O que difere a residência pedagógica do estágio supervisionado?
3. Quais os impactos percebidos na escola receptora do projeto, tanto no âmbito da escola quanto no âmbito de sala de aula?
4. Quais os aspectos potenciais e os desafios da Residência Pedagógica?
5. O que poderia ser melhorado no projeto, tanto no âmbito da UnB, quanto no âmbito da escola?
6. O que os estudos acadêmicos-científicos apontam sobre a residência pedagógica?

Mediante esses questionamentos, estabeleci o objetivo geral a ser atingido no decorrer desta pesquisa:

- Analisar os impactos da Residência Pedagógica na formação dos licenciandos de Pedagogia - UnB participantes do programa, de forma a compreender suas contribuições e desafios.

E como objetivos específicos:

- Analisar o edital que dispõe sobre a Residência Pedagógica;
- Comparar a Residência Pedagógica em relação ao estágio supervisionado atual;
- Compreender as contribuições e desafios do programa sob a ótica dos residentes, preceptoras e professoras.

A pesquisa pauta-se em um cunho qualitativo e utilizou como método de pesquisa o estudo de caso, uma vez que objetiva-se compreender o fenômeno Residência Pedagógica. De início é feito um estudo sobre a formação de professores de forma a compreender a importância da práxis docente e uma formação munida de reflexão e a contribuição na RP nesse sentido. O capítulo carrega em seu título o memorial de formação, dado que narro minha trajetória formativa de forma natural ao longo dos capítulos. Caminhando, encontra-se uma reflexão sobre o estágio supervisionado atual e a RP, onde é compreendida sua

configuração e como a RP se diferencia deste. Por fim, é feita uma análise crítica sobre o edital nº 06/2018 que dispõe sobre o programa; o levantamento metodológico; e a apresentação e discussão dos dados coletados.

## **DESCRIÇÃO METODOLÓGICA**

---

Os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa, a qual comporta caráter qualitativo, uma vez que em tal tipo de pesquisa, “o pesquisador procura entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados” (NEVES, 1996, p.1).

Ainda, a presente pesquisa se caracteriza como exploratória, que Segundo Gonsalves (2011, p. 67) “a pesquisa exploratória é caracterizada pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica [...] a um determinado fenômeno que é pouco explorado”, no caso a RP dentro da Pedagogia, dado que foi um programa novo, assumido recentemente e que não há, até então, pesquisas sobre os efeitos deste programa neste curso, no que tange à UnB. Portanto, por ser um programa de formação docente, julguei fundamental analisar e apresentar os impactos do programa no curso de Pedagogia da UnB nesse primeiro contato. Tendo isso em vista, quanto a opção pelo método de pesquisa, optei pelo estudo de caso, visto que “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 2008, p. 57). Este pareceu parecer o mais adequado, pois busquei analisar os impactos da RP na formação dos licenciandos de Pedagogia - UnB participantes do programa, de forma pormenorizada, procurando entender tal fenômeno sob diversos aspectos contemplados nos instrumentos de coleta de dados. Para a coleta dos dados os instrumentos utilizados foram: questionário e entrevista semiestruturada. O questionário é uma “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos [...] etc. (GIL, 2007, p. 121). Já a entrevista, é “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”.

(GIL, 2007, p. 109) O questionário foi enviado aos 25 residentes participantes do programa na Pedagogia, de forma online pelo whatsapp ou e-mail. O questionário foi elaborado, por mim, na plataforma “formulários google” e contemplou 15 perguntas abertas, das quais foram analisadas 13, dado que duas respostas já haviam sido contempladas nas demais. A entrevista semi estruturada, foi feita com as três preceptoras da RP de Pedagogia e duas professoras da escola da Ceilândia, lócus da minha pesquisa. Este instrumento possibilitou uma introdução ao tema, sobretudo despertou a possibilidade de demais colocações ao longo da entrevista. Nesse momento, cabe enfatizar, que o questionário foi enviado aos 25 residentes, entretanto, obteve-se o quantitativo total de 16 respondentes.

No que diz respeito às escolas receptoras do programa, duas delas localizam-se na regional do Plano Piloto e outra na regional da Ceilândia, onde atuei. Todas atendem às etapas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

## **1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A IMPORTÂNCIA DA PRÁXIS - Memorial de formação**

---

Neste capítulo apresento os estudos sobre a formação docente e sua relação com a prática, mas não uma prática qualquer, e sim uma prática que ultrapasse o campo da superficialidade e que os sujeitos “aprendam com uma metodologia que desenvolva cooperação, crítica, [...] uma metodologia que possibilite o desenvolvimento de uma prática reflexiva ao invés de um professor normativo” (IMBERNÓN; COLÉN, 2015, p. 63, tradução nossa). Na minha trajetória formativa, pude perceber que no curso de Pedagogia há muitos alunos que "se sentem inseguros em relação o percurso formativo, não sabem quais caminhos perseguir" (SOARES, 2017, p. 49). Essa insegurança pode ser atribuída, entre muitos outros fatores, à falta de familiaridade e de contato, ou até mesmo um contato bastante superficial com o campo de atuação - a escola - e com a falta de um acompanhamento organizado e regular. Tendo isso em vista, a RP tem um grande papel nesse sentido: o de promover uma grande rede de apoio ao estudante residente. Tal rede de apoio é imprescindível para que se concretize uma formação adequada à esse sujeito.

Não se pode pensar uma formação docente sem pensar na práxis - relação dialógica entre teoria e prática - e não se pode aspirar a uma práxis sem pensar em um processo de formação reflexiva. Nessa mesma lógica, Cavalcante (2013, p. 63) reitera que “no âmbito da ação pedagógica, situa a prática docente compreendida como atividade educativa recíproca, onde se torna inerente a relação interativa e dialógica entre as pessoas envolvidas no processo". Não basta estar na graduação e fazer um estágio de dois semestres sem um acompanhamento sistemático, por mais que estejam sendo feitos concomitante à prática, muitas vezes, não se ultrapassa a zona da superficialidade. A relação teoria e prática não é algo que se dá automaticamente, é preciso mediação por parte de todos que estão no processo, principalmente, dos formadores. Se não é um processo reflexivo e dialógico, portanto, não se pode chamar de práxis tão pouco pensar que, esta, será uma prática que possibilitará a

constituição da identidade docente, pois “a identidade também se constrói no confronto entre teoria e prática, na análise das teorias à luz das práticas” (MOURÃO, 2015, p. 94).

Por isso, observa-se que a RP é um programa em grande potencial, pois promove uma rede de apoio de forma sistemática e, portanto, ela permite que o estudante residente faça as conexões necessárias entre suas práticas no campo escolar e suas aprendizagens teóricas na instituição, de forma que crie um processo formativo reflexivo e dialógico. Por isso, assim como afirma Imbernón e Cólén (2015), juntamente com os conhecimentos teóricos vem o desenvolvimento dos conhecimentos práticos, um leva o outro de forma interligada e não desconexa.

Segundo o censo do INEP de 2017, o curso de Pedagogia é o curso com maior número de matrículas, todavia, a pesquisa mostra que dos 100% que ingressam, 41,7% não concluem e dos 50,6% concluintes, 7,7% permanecem na área de formação. Diante esse dado, deve-se refletir o porque que muitos desses graduandos evadem do curso ou se formam e não seguem sua área de formação. Como a RP pode contribuir com isso?

Muitas experiências eram postas em momentos de partilhas dentro de sala de aula e muitas das narrativas ditas nesses espaços, expressavam um grande descontentamento com o fato da teoria não condizer com a prática, um pensamento do qual eu também compartilhava, todavia, após entrar para a RP minha perspectiva mudou e comecei a ver que esse pensamento, na maior parte das vezes, se ancorava nas poucas experiências tidas em instituições escolares. Não quero aqui dizer que a realidade é condizente com a teoria, por que de fato, com as experiências que tive dentro dos espaços escolares, percebi que muita coisa não é, mas o que estou a defender é a forma e a perspectiva pela qual se decide olhar. Com a RP fui para dentro de sala onde tinha que ir duas vezes na semana durante 5 horas cada dia, e assim que cheguei a realidade era realmente precária e desmotivante; muitos alunos defasados, professores desmotivados e eu sem saber o que fazer, nada diferente do que já havia experienciado em outras oportunidades de trabalhos de campo e nem com o que muitos dentro da Faculdade de Educação - FE diziam sobre suas experiências dentro de uma escola. No entanto, a diferença estava na forma como eu colocava-me diante de toda aquela adversidade nas duas situações: trabalhos de campo nas instituições escolares e RP. Em situações de trabalhos de campo eu não estava ali como agente de efetiva atuação, eu não tinha a oportunidade de participar e minha ação se reduzia a simples observação. Diante disso,

só era possível enxergar os problemas, que de fato são muitos e reais e, em razão disso, eu enxergava a teoria e a prática como algo totalmente desvinculado, assim como a maior parte dos estudantes de pedagogia com quem já tive certo contato. Nessa lógica, Alarcão (1996, p. 13) explica:

Nas instituições de formação, os futuros profissionais são normalmente ensinados a tomar decisões que visam a aplicação da ciência aplicada, como se esta constituísse a resposta para todos os problemas da vida real. Porém, mais tarde, na vida prática, encontram-se perante situações que, para eles, constituem verdadeira novidade. Perante elas, procuram soluções nas mais sofisticadas estratégias [...] por vezes em vão.

Já na RP, não vi somente os problemas, mas tive a oportunidade de discuti-los e de ter a opinião de várias pessoas como: colegas residentes, preceptores, professores e coordenação da RP. E, a partir do compartilhamento de experiências e sugestões que se tem a possibilidade de refazer nossas práticas a partir de um processo formativo reflexivo e coletivo. Nesse sentido, Imbernón (2001, p. 15) afirma que:

A formação também servirá de estímulo crítico ao constatar as enormes contradições da profissão e ao tentar trazer elementos para superar as situações perpetuadoras que se arrastam há tanto tempo, formar o professor na mudança e para a mudança por meio do desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo.

Pelo exposto, é importante repensar como está se dando a prática dos graduandos em pedagogia em sua formação inicial, tendo em vista a grande taxa de evasão e a desmotivação dos mesmos para atuar em sua área quando se formam, muitos professores que estão entrando nas salas de aula, já entram inseguros e desmotivados, o que pode gerar impactos, sobretudo, negativos na educação e no ensino-aprendizado (SANTOMÉ, JURJO, 2006, apud MIRANDA, MARIA, 2012). Portanto, é preciso transformar essa perspectiva de estágio sustentada na mera observação, e a RP é um programa que incita tal discussão.

## **2. CONFIGURAÇÃO ATUAL DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: Um olhar indagador**

---

O estágio supervisionado tem sua implementação desde os anos 30 devido a consolidação e ampliação da Escola Normal, perpassando por diversas regulamentações legais e sendo implementado em várias regiões do Brasil (PIMENTA, 2010). O estágio supervisionado tem grande influência na formação de um pedagogo, principalmente no sentido da construção de sua identidade docente. Como já afirmado em estudos (INEP, 2017; SOARES, 2017) há uma significativa taxa de evasão dentro do curso de pedagogia e muitos não se sentem preparados para atuar e estar dentro de sala de aula. Tendo isso em vista, o estágio tem um grande e importante papel: contribuir para a construção da identidade docente, que muitas vezes está velada pelos estereótipos que a profissão carrega e que muitos a descobrem quando têm a oportunidade de uma prática pautada em um processo formativo reflexivo. No âmbito da FE/UnB, no curso de Pedagogia, o estágio supervisionado é ofertado no 7º e 8º semestre nos projetos 4.1 e 4.2, respectivamente. Em teoria, o professor precisa acompanhar esse estagiário na escola regularmente, entretanto, isso não é algo que ocorre da forma como deveria. Muitos professores, pela excessiva carga de trabalho dentro da Universidade, e outros diversos fatores, não conseguem cumprir com os acompanhamentos de estágio, “os professores não têm possibilidade, de fato, de acompanhar os estágios, ficando-se apenas em uma troca de ideias a respeito do que as alunas viram na visita à escola” (PIMENTA, 2010, p. 60). Em contraponto a isso, a RP no curso de Pedagogia nos leva a outro caminho. Há uma preceptora, que fica responsável pelos residentes na escola, e um docente orientador responsável pelos mesmo na Instituição de sua formação, neste caso a UnB. Durante o programa são feitas reuniões, tanto na escola como na UnB, são promovidos encontros de todos os subprojetos do programa RP, na UnB, e com isso a formação dos residentes participantes se dá de forma articulada e reflexiva, tendo em vista a promoção dos espaços de diálogos e de formação coletiva. Pimenta (2010) traz como referência a autora

Lúcia M. Pinheiro (1966), a qual, em razão de uma pesquisa, constatou algo que, embora decorrido numeroso tempo, ainda se faz verdade nas práticas de estágio atualmente.

A observação é feita sem objetivo predeterminado e sem o preparo que leve o aluno a dela retirar subsídios para estudos posteriores, sendo muitas vezes realizadas sem a assistência de professor capaz de discutir e analisar criticamente o que foi observado. Quanto à regência de classes, as oportunidades são quase inexistentes. (PINHEIRO, 1966, apud PIMENTA, 2010, p. 40).

Pelo exposto, é possível relacionar a desmotivação dos graduandos da pedagogia em relação a sua atuação em tal profissão. O estágio supervisionado da FE - UnB, até o primeiro semestre de 2019, tinha uma carga horária de 240h sendo elas distribuídas em dois semestres, 120h em cada um; sendo 90h cumpridas na escola e 30h cumpridas, teoricamente, na instituição, com a orientadora. Essas 90h, na escola, são possíveis de serem feitas, no mínimo, em 23 dias por um período de 4h diárias na escola, um período este que julgo ser insuficiente e pelas vivências experienciadas e expostas por muitos na FE/UnB, que já fizeram estágio supervisionado, essas horas são feitas de forma superficial e rápida, o que evidencia a falta de acompanhamento e orientação nos estágios nessa configuração. Nesse mesmo caminho, afirma Gatti (2010, p. 1371) “a maior parte dos estágios envolve atividades de observação, não se constituindo em práticas efetivas dos estudantes de Pedagogia nas escolas”. Trazendo agora a RP, são 440 horas a serem cumpridas, tanto na escola quanto na UnB, essas horas são divididas em dias na escola, formação na UnB e regência. Cada residente deve cumprir com 100h de regência com o devido plano de aula elaborado para entrega e comprovação final à CAPES, o que requer certa responsabilidade do residente para com sua formação, bem como permite que ele seja agente de sua própria formação, esvaziando-se de uma prática mecanizada, acrítica, reprodutora e não reflexiva e constituindo sua identidade docente quando passa a fazer as atribuições de um.

A fim de fazer uma breve análise comparativa entre o estágio supervisionado e a RP, trago ao discurso minha própria experiência. Nunca tive certeza da docência e escolhi o curso pela sua acessibilidade de entrada e pela influência de amigos; durante a graduação, ao longo dos trabalhos de campo, em que observava alguma aula e muitas discussões dentro de sala; isso só se intensificou e passei a ter a certeza de que não queria ser professora de forma alguma, pois só via e ouvia sobre os problemas da profissão e eu não queria isso para mim. E

enfim, entrei para a RP e minha perspectiva mudou completamente após viver esse programa. Eu passei da cadeira de trás da sala, onde só observava, para as outras tantas cadeiras da sala onde passei a fazer parte, de fato, dos problemas, das estratégias utilizadas pela professora, tive a oportunidade de dar sugestões, fui percebendo o progresso dos alunos e criando vínculo com os mesmos, eu não era vista como aquela “tia” lá do fundo da sala que só observava, cumprimentava e despedia-se, assim como eu via na minha sala durante o Ensino Fundamental - há 16 anos atrás - e como se vê até hoje em estágios supervisionados. Com todas essas vivências, passei a ver sob novas lentes: as de que eu poderia ser professora e contribuir para a mudança que eu quero ver. Hoje, há em mim o sentimento de que se eu não for professora estarei fugindo de um caminho que me chama insistentemente, pois a RP fez-me perceber meu papel como educadora e, além disso, fez-me querer assumi-lo, contribuindo assim, para a constituição da minha identidade docente, que eu tolhia e negava. Nesse caminho, Mourão (2015, p. 39) nos faz perceber que “a identidade docente e seu desenvolvimento profissional se constroem em processo histórico e em relação com as alteridades nos contextos em que estão inseridos” Portanto, a construção da identidade docente está intrinsecamente ligada à forma como a prática se dá na formação inicial e o quanto isso pode ser determinante para a permanência ou não desses sujeitos em formação na sua área de atuação.

Dentro da RP tive a oportunidade de conviver com diversos tipos de professores, devido à abertura que escola na qual fiquei proporcionou, e a partir das experiências e vivências dentro desse espaço e outros, nota-se que há muito professor desmotivado tentando imprimir em você a vontade de desistir da profissão sob diversas falas, tais quais: “não dá dinheiro”, “desgasta demais”, “você ainda é nova, vai atrás de outra coisa” - falas de professores da escola receptora - entre diversas outras falas que se você é licenciando ou professor, já ouviu, ou se não for, é bem capaz de que tenha essas mesmas ideias sobre a vida docente, discursos estes, infiltrados na sociedade. Todavia, é importante pensar que “a preparação para o magistério é uma tarefa complexa e inerentemente política” (VEIGA, 2002, p. 85), o que confere um compromisso não só pedagógico, como também político, de forma que o professor, ao entrar na profissão, compreenda tal compromisso. Nesse sentido, cabe refletir e questionar: de que forma a falta desse compromisso reflete no ensino e como a formação inicial pode contribuir para tal. Dessa forma, “o trabalho docente está impregnado

de intencionalidade, pois visa à formação humana por meio de conteúdo e habilidades, de pensamento e ação, o que implica escolhas valores, compromissos éticos” (PIMENTA;ANASTASIOU, 2005, p. 16). Com isso, portanto, é preciso que o professor tenha consciência de seu papel dentro de sala e que, este, esteja ligado ao seu compromisso político e pedagógico. Faz-se mais necessário, ainda, que os espaços de formação oportunizem e promovam essa consciência já na formação inicial, pois o que se tem visto é que os professores estão iniciando a docência já desmotivados e sem muitas perspectivas, o que influencia de forma direta no ensino-aprendizado dos alunos. Portanto, compreender e dispor de tal compromisso é crucial para que o professor constitua sua identidade como docente e que seja capaz de lidar com os conflitos e desafios que a profissão carrega, ao invés de desistir de tal ofício. Dessa forma, portanto, a RP é uma forma de o licenciando ter contato com a prática docente de forma verdadeiramente ativa e reflexiva. Cabe ressaltar, que as escolas receptoras do programa, devem, também, ao assumir a residência, assumir seu compromisso político e pedagógico para com a formação dos residentes.

### 3. O QUE DIZ O EDITAL Nº 6/2018?: UMA ANÁLISE CRÍTICA

---

Neste capítulo apresento uma análise crítica sobre os pontos mais relevantes do Edital nº 6/2018 adotado pela UnB. Logo de início são postos os objetivos da proposta e do primeiro deles, o programa visa:

I - Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias (CAPES, 2018).

No que tange ao exercício de uma práxis, julgo ser, esta, uma necessidade relevante, visto que os estágios, muitas vezes, não abrem espaço para uma formação pautada no diálogo entre teoria e prática, sobretudo para conhecer didáticas diferentes, muitas vezes reduzindo-se à mera observação, como vimos em estudos apresentados no capítulo anterior. Portanto, essa proposta incide em uma possível transformação/reforma do que se tem praticado hoje nos estágios convencionais, para tanto, Imbernón e Cólen afirmam que:

Essas reformas educacionais sempre implicam repensar a formação de professores, porque não é possível mudar a educação sem modificar atitudes, mentalidade e a maneira de exercer a profissão docente; e isso só é possível a partir da formação inicial ou permanente” (IMBERNÓN; CÓLEN, 2015, p.58).

No que concerne ainda a este mesmo objetivo, ele traz o dever de se “utilizar coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem”, entretanto, não é trazido ao longo do edital elementos de como fazer isso, como coletar esses dados e como fazer tal diagnóstico. Com isso, a falha do edital, nesse aspecto, se faz bastante evidente.

O segundo objetivo preconizado no edital é a indução de uma possível reformulação do estágio supervisionado.

II - Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica (CAPES, 2018).

As autoras Silva e Cruz (2018), fazem uma análise crítica sobre tal objetivo e nos colocam a seguinte questão: Por que se quer reformular o estágio supervisionado? Como resposta, as autoras atribuem ao fato de vinculação à Base Nacional Comum Curricular - BNCC, a qual vem sendo criticada por muitos profissionais da educação e que apresenta vários retrocessos, no entanto não será o objetivo aqui discuti-la. Mas nesse caminho, como visto no capítulo anterior, alguns autores (Gatti, 2010; Pimenta, 2010) apontam as fragilidades dos estágios supervisionados e concordam que estes não estão promovendo, de fato, uma formação crítica emancipadora, e que muitos ancoram-se na superficialidade da mera observação. Nessa perspectiva, atento-me a verdadeira necessidade de ressignificação dos estágios supervisionados convencionais, mas que caminhe para uma proposta que possa abranger os cursos em sua totalidade e não apenas uma parte dele. No entanto, embora a RP contemple parte dos estudantes, assim como outros programas de iniciação à docência, considero ser, este, um passo significativo para essa mudança, até que se chegue ao passo de incluir a totalidade dos licenciandos e sendo otimista, uma possível formação de professores em uma perspectiva da totalidade, defendida, suavemente, por Silva e Cruz (2018), que contemple a todos equitativamente. O penúltimo objetivo do edital traz a seguinte perspectiva:

III - Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores (CAPES, 2018).

Nesse terceiro objetivo, percebe-se que há uma intenção da CAPES de articular as Instituições de Ensino Superior com as redes públicas de Educação Básica, uma iniciativa importante, tendo em vista essa necessidade antiga de maior integração entre Instituições de Ensino e escolas. Mira e Romanowski (2012), ao fazerem uma pesquisa sobre o papel do estágio supervisionado para a profissão docente de um pedagogo, constatam que:

Os resultados indicam que a relação entre a universidade e as escolas apresenta-se como um dos aspectos mais frágeis do estágio, pela dificuldade no estabelecimento de parcerias mais efetivas, aliado às possibilidades de acompanhamento implantadas em função das condições institucionais de trabalho (MIRA; ROMANOWSKI, 2012).

Para além, outros autores (ROLDÃO, 2007; LUDKE, 2009; MIRA; ROMANOWSKI, 2012; NACARATO, 2016;) apontam para essa mesma investigação e nos mostram que não há uma integração efetiva entre as instituições formadoras e as escolas de educação básica, quando deveria, uma vez que não é somente as instituições de Ensino Superior que fazem parte da formação dos licenciandos, mas as escolas de Educação Básica estão intrinsecamente ligadas ao processo de formação, pois é nela que se dará a prática.

Quarto e último objetivo expresso no edital faz referência à BNCC:

IV - Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (CAPES, 2018).

Nesse caminho, tal objetivo torna-se problemático, visto que muito se tem discutido sobre a BNCC e os resultados de tais discussões e estudos não são animadores, dado que “associações científicas, profissionais, movimentos sociais e de trabalhadores apresentam diversas críticas ao documento, apontando as desigualdades das condições de ensino e aprendizagem às quais estão submetidos milhares de professores e alunos em todo o país” (GIROTTTO, 2019). Ainda nesse sentido, Girotto (2019) traz uma aprazível discussão sobre a BNCC e nos faz refletir sobre questões cruciais que vem sendo jogadas para debaixo do tapete, como: a consolidação de Sistema Nacional de Educação atrelada às discussões sobre o Custo Aluno Qualidade Inicial - CAQi, as desigualdades educacionais brasileiras e as condições das redes de ensino no país. Com isso, cabe a nós, tanto licenciandos (residentes) e profissionais da educação, que acreditam em uma educação democrática, fomentar essas discussões sobre as políticas públicas que norteiam nossa educação e nos colocar em posição de resistência, uma vez que “elaboradas a partir do discurso e da ação dos especialistas competentes, tais políticas contribuem para reproduzir o abstracionismo pedagógico, negando, assim, a importância do contexto socioespacial da escola, da educação e dos diferentes sujeitos” (GIROTTTO, 2019, p. 2).

Encaminhando-se para ao longo do edital, é posta as definições de carga horária e a organização dessas horas. A RP dispõem de 440 horas totais que devem ser organizadas do seguinte modo:

60 horas destinadas à ambientação na escola; 320 horas de imersão, sendo 100 de regência, que incluirá o planejamento e execução de pelo menos uma intervenção pedagógica; e 60 horas destinadas à elaboração de relatório final, avaliação e socialização de atividades (CAPES, 2018).

Nesse aspecto, o edital dispõem de certa organização e traz as horas de forma separada e coerente, o que permite aos residentes, preceptores e orientadores docentes a se organizarem ao longo do semestre, tendo em vista suas outras ocupações. Silva e Cruz (2018) temem que a proposta de Residência Pedagógica dê uma ênfase maior na prática diminuindo a atuação da teoria, uma vez que a proposta vincula a RP a uma necessidade de “imersão” na prática. Embora entenda tal receio, vimos anteriormente que há uma grande falha nos estágios supervisionados quanto à promoção de uma verdadeira práxis, pois, quando há o predomínio da observação na prática de um licenciando dentro do campo, nota-se que a prática é vastamente negligenciada. Portanto, nos estudos que aqui tenho feito, percebeu-se a necessidade de tal imersão em uma prática efetiva e de qualidade que deve, imprescindivelmente, dialogar com a teoria. E com os dados que serão analisados, a RP, no que tange à práxis, tem se mostrado efetiva, de forma a contribuir com a formação dos residentes pesquisados.

Dessa forma, pelo exposto, na análise do edital, verificou-se que há muitas informações de cunho procedimental e material e poucas que ajudem os participantes da RP a terem noções mais concretas do “fazer”, gerando muitas dúvidas ao longo do programa. Dessa forma, portanto, o edital deixa muitas lacunas e brechas e necessita ser mais claro e abrangente.

### **3.1 Os residentes e a substituição dos professores regentes?**

Juntamente com essas falhas no edital teve-se a incerteza do que viria, e com isso abriu margem à várias interpretações sobre o programa RP. Por isso, neste capítulo procuro esclarecer, a partir das experiências dos próprios residentes, o que de fato é feito e como se dá essa prática no programa. Alguns discursos vistos na plataforma *youtube* expressam insegurança quanto ao programa, bem como nota-se a concepção que muitos vêm

apresentando de que a RP possa ser um programa que permite a substituição de professores efetivos pelos residentes e uma suposta mão de obra barata.

**Quadro 1. Discursos de alguns professores e estudante sobre o programa RP, na plataforma youtube.**

<i>"Eu penso que é uma forma barata de você colocar uma pessoa para atender o público em geral, né" (APUFPR, 2018).</i>
<i>"daí se levanta dúvida será que não está se pensando que esse futuro bolsista da RP, passe a ser um professor efetivo? Ele é que passa a ser o professor de fato na sala de aula?" (APUFPR, 2018).</i>
<i>"Não estamos falando de qualidade de formação, nós estamos falando de alguns que irão ocupar o lugar de outros, são professores que já estão na escola. Nesse molde, não estão tratando com pessoas que estão formadas na licenciatura, nós estamos tratando de pessoas que estão em formação" (APUFPR, 2018).</i>
<i>"claro que é tentador lançar mão de um programa que já teve 90 mil bolsas para cobrir esse déficit de professores. O PIBID é concebido como um programa de formação, ele não é um programa para cobrir deficiências de corpo docente nas escolas" (APUFPR, 2018).</i>
<i>"esse projeto, ele não tem um caráter universal ou seja, não atinge nossos alunos de forma ampla e igualitária, ele cria desigualdades de oportunidades dentro dos cursos" (APUFPR, 2018).</i>
<i>"as próprias escolas, diante da precarização do número de professores, esses alunos de licenciatura servirão como força de trabalho. Onde que está aí a reflexão da teoria e da prática, onde que está aí todo esse processo formativo destes professores?" (APUFPR, 2018).</i>
<i>"Essa Residência Pedagógica trata-se de um ataque à democracia e à educação brasileira. É uma maneira do governo se livrar do supervisor e do coordenador de área [...] essa residência não se trata nada mais nada menos do que uma mão de obra barata [...] a RP é vista como algo voluntário de estágio obrigatório" (Facundo, Ingrid, 2018).</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

Caminhando para estes discursos, percebe-se que a preocupação tida por estes professores e estudante se atrela ao Programa de Iniciação à Docência - PIBID que vinha sofrendo ameaças de extinção. Nos discursos, há uma forte comparação entre os dois programas e algumas das narrativas exprimem a inconformidade de o programa da RP não oferecer bolsas universais gerando desigualdade dentro dos cursos. Ora, partindo da prerrogativa de que estes professores falam de um mesmo lugar, e que defendem o PIBID, tal narrativa não é compreensível, uma vez que o PIBID é um programa que também não oferece bolsa a todos e sim a uma parcela contemplada pelo edital, o qual prevê 24 bolsistas, assim como na RP, em que há 24 bolsistas distribuídos em três escolas de Educação Básica, no DF. Notou-se, também, a inquietude na manifestação de alguns sobre a RP não se tratar de um

programa de formação e sim de uma forma de “mão de obra barata”, outro julgamento que não se faz verdadeiro em nossas práticas como residentes de Pedagogia, como veremos mais adiante na apresentação dos dados. Embora, sejam inferíveis as influências políticas por detrás de políticas públicas como essas, na prática, não é atingível ao meu pensamento, que a RP não é um programa para formação de professores, tendo em vista as experiências enriquecedoras para minha formação e para a dos demais residentes aqui pesquisados, tidas durante o programa. No que tange ao edital, pode-se fazer uma comparação entre a descrição dos dois programas no site da CAPES. Quanto ao PIBID:

O Pibid é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas (CAPES, 2019).

Quanto à Residência Pedagógica:

O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora. (CAPES, 2018).

O que se pode notar, é que ambos integram a Política Nacional de Formação de Professores e há uma proposta deveras similar entre os dois. Uma das discussões que integram os programas é o fato da substituição do PIBID pela RP. Ainda não há nada concreto quanto a isso, porém, tendo em vista a importância do PIBID, comprovada por diversas pesquisas, teses e dissertações, para a formação de diversos licenciandos em diversos cursos, é necessário que o programa continue e que a RP seja uma outra forma de ingresso à prática dentro das escolas, é importante enfatizar que a RP não é um programa muito diferente do PIBID, cada um com suas especificidades, mas ambos correspondem à formação de professores e que com os estudos que serão apresentados mais adiante, nota-se que a RP tem sido eficiente e de grande valor e contribuição para a formação dos residentes.

Outro aspecto bastante apontado nas narrativas foi a preocupação da substituição dos professores efetivos pelos residentes. Partindo das experiências dos residentes da Pedagogia e dos residentes dos demais subprojetos - a partir dos encontros promovidos na UnB com todos os subprojetos - pude constatar que tais concepções não se fazem verdadeiras, dado que os residentes devem ser acompanhados pelo professor regente e todo trabalho é acompanhado, também, pelos preceptores e preceptoras. No caso da Pedagogia, em uma de nossas reuniões com a docente orientadora, chegou ao nosso conhecimento, por meio de uma fala de uma residente, que ela havia ficado sozinha dentro de sala com a turma e passou por situações desagradáveis. Diante o fato, tal questão foi imediatamente esclarecida pela docente orientadora que não poderia ocorrer. Sempre nos foi passada, e também às preceptoras, a orientação de que não podíamos assumir uma turma sozinhos em hipótese alguma e isso logo foi sistematizado. A fim de complementar, trago meu depoimento pessoal como residente: a professora com a qual fiquei sempre deu-me total apoio e orientação quanto às atividades, sobretudo nos planejamentos das aulas para as regências, bem como estava sempre presente na sala durante as aulas ministradas por mim. Portanto, as atividades dos residentes dentro da escola são amplamente acompanhadas e toda e qualquer dúvida que se tenha sobre algo é sanada pelas preceptoras e a docente orientadora. Embora essas e outras determinações não estejam preconizadas explicitamente no edital, o que é uma notável falha, muitas dessas informações são passadas da CAPES diretamente à coordenadora institucional da RP, e logo é disseminado aos docentes orientadores para que estes repassem aos residentes. Dessa forma, portanto, espera-se com esse primeiro grupo de residentes que estão finalizando a primeira experiência com esse edital nº 6/2018, na UnB, que pesquisas sejam feitas expondo suas experiências com a RP para que possa ser compreendido os fenômenos que estão ainda ocultos e que dê assistência para as melhorias necessárias no programa, o qual julgo ser de grande potencial. Ao longo da discussão dos dados, que será feita mais adiante, será possível compreender demais aspectos sobre o programa.

#### 4. CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA RP: Apresentando e discutindo os dados coletados

---

Neste capítulo, apresento os dados da pesquisa que foram coletados, como também, discuto as respostas dos respondentes e das entrevistadas. Portanto, a discussão encaminha-se em seis categorias: I. Os impactos da RP para a formação dos residentes; II. Relação entre RP e estágio supervisionado. III. Relação entre residentes e preceptoras. IV. Percepção das preceptoras e professoras quanto à RP. V. Desafios da RP. VI. Contribuições da RP. Por fim, cabe ressaltar que muitas considerações se repetem, portanto, foram aqui colocadas em blocos, sem as repetições, sendo que todas auxiliaram no entendimento dos aspectos que foram analisados.

##### 4.1. As contribuições da RP para a formação dos Residentes de Pedagogia.

#### Quadro 2. Você acha que a RP contribuiu para sua prática pedagógica, tendo em vista a relação teoria x prática? De que forma?

<b>Residente 1</b>	<i>“Com toda a certeza, a residência pedagógica foi essencial para a minha formação. A começar pelo fato de que construímos laços maiores e de maior tempo com a escola em que somos dirigidos, nós atribuindo maior conhecimento, entendimento da área e nós confrontando com a realidade de ser um professor e os seus desafios enfrentados”</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“[...] me permitiu entender melhor o ofício e o dia-a-dia do pedagogo exercendo funções tanto na sala de aula, quanto na coordenação ou direção [...]”</i>
<b>Residente 3</b>	<i>“Sim, contribuiu bastante. [...] as inúmeras questões que pudemos observar, são motivo de muita reflexão sobre a carreira, pois atuando como residente (trabalhando e estudando sobre a profissão), me colocou à frente de desafios que certamente enfrentarei, quando já formado e trabalhando”</i>

<b>Residente 4</b>	<i>“Acredito que com a RP pude relacionar os temas abordados na faculdade e o cotidiano da escola. Permitindo o desenvolvimento da minha visão crítica a respeito de questões relacionadas ao âmbito educacional”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“Sim. Acredito que teoria e prática são indissociáveis, mas estar no “chão da escola”, vivenciando o dia a dia do ambiente escolar contribuiu, e muito, para minha formação. Me sinto muito mais preparada para entrar em sala de aula, após a experiência com a regência, participação em coordenações e coletivas, etc”</i>
<b>Residente 6</b>	<i>“Sim, eu pude estar mais inserida no contexto da escola, participar de reuniões, conselho de classe, planejamento e outros [...]”</i>
<b>Residente 7</b>	<i>“Sim, acredito que a vivência em sala se torna essencial para a aplicabilidade de teorias estudadas durante a graduação e principalmente a crítica destas teorias na nossa sociedade atual. A residência ajuda nessa imersão”</i>
<b>Residente 8</b>	<i>“Sim, tem me proporcionado viver as experiências em todos os âmbitos da escola, desde a docência à coordenação e orientação, por exemplo”</i>
<b>Residente 9</b>	<i>“Agregando conhecimentos relacionados a métodos e práticas aplicadas em sala de aula”</i>
<b>Residente 10</b>	<i>“Contribuiu, pois na graduação estudamos a teoria mas não imaginamos como é a dinâmica de uma escola em si. [...] ver que a teoria e prática na verdade andam juntos. [...] na regência pude observar minhas dificuldades... Tá sendo muito importante o acompanhamento da minha professora enquanto dou aula e a orientação da preceptora.</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

Nas respostas pode-se perceber dois aspectos que mais foram apontados: a) a questão da vivência no dia a dia da escola e a oportunidade de participação em seu cotidiano em diferentes espaços e, b) a questão de sentirem um maior conhecimento e entendimento sobre a vida docente, sua realidade e desafios. Sabe-se, que “a maior parte dos estágios envolve atividades de observação, não se constituindo em práticas efetivas dos estudantes de Pedagogia nas escolas” (GATTI, 2010, p. 1371), o que implica diretamente na constituição de uma prática pedagógica desses licenciandos e logo, na sua formação, que se dará de forma limitada e incompleta, pois; se sua prática durante o estágio se limita à observação, sua vivência nos demais espaços será podada de forma ainda maior. Imbernón e Cólen, ao falarem das competências menos trabalhadas na formação docente, apresentam:

Conhecer a organização das escolas de ensino fundamental e, quando apropriado, os centros e salas de aula para a formação de adultos, e a diversidade de atores e ações implícitos em sua operação. Colaborar com os diferentes setores da comunidade

educacional e do meio ambiente e trabalhar em equipe com colegas como condição necessária para a melhoria da atividade profissional, compartilhando conhecimentos e valorizando experiências. (IMBERNÓN; COLÉN, 2015, p. 72, tradução nossa).

Nesse sentido, quando os residentes apontam que a RP os permitiu uma grande atuação dentro dos demais espaços da escola (coordenação, coletivas, conselho de classe, reuniões, regências, direção, etc); um melhor entendimento sobre o cotidiano e dia a dia da escola e do ofício da docência, nota-se que a RP tem sido eficiente quanto a uma formação pautada na colaboração, reflexão e no compartilhamento de conhecimentos, que é fundamental para a construção de diferentes percepções sobre algo e diferentes soluções. Portanto, com as respostas, percebe-se que os residentes estão vivenciando a práxis pedagógica, dirigindo-se a um caminho oposto ao da mera observação, pois estão usufruindo de uma acessibilidade e receptividade dentro dos diversos espaços da escola. Ainda nesse segmento, foi perguntado à eles se têm certeza da docência e se acham que a RP contribuiu de alguma forma para a construção da sua identidade como pedagogo.

**Quadro 3. Você tem certeza da docência? Acha que a RP contribuiu de alguma forma para a construção da sua identidade como pedagogo(a)?**

<b>Residente 1</b>	<i>“Antes da residência eu estava desanimada com a minha área. O contato com a escola pública e todo o suporte que a residência pedagógica me proporcionou foi apaixonante. A residência teve um papel fundamental na certeza da minha escolha: Docência”</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“Com certeza acredito que a RP me permitiu fundamentar e entender minha identidade enquanto pedagoga, por mais que não me tenha dado a certeza da docência [...]”</i>
<b>Residente 3</b>	<i>“Não tenho certeza se quero atuar em sala de aula. E acredito sim que a residência tem sido importante na construção dessa perspectiva”</i>
<b>Residente 4</b>	<i>“Não tenho. A residência me mostrou que eu sei atuar bem nesse ramo, mas melhor ainda, me mostrou que dentro da escola, eu prefiro especificamente a área da coordenação e orientação, ao invés de sala de aula”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“Tenho certeza. A RP me fez conhecer diferentes profissionais que atuam na escola, e principalmente, diferentes formas de trabalho em sala de aula, o que auxiliou no meu processo de entendimento do meu papel como pedagoga [...]”</i>

<b>Residente 6</b>	<i>“Sim, tenho certeza da docência. Contribuiu pois foi a primeira vez que senti a realidade de uma escola, que sofri com os desafios e dificuldades da gestão e dos alunos [...], foi um processo de muito crescimento e que com toda certeza está formando minha identidade como pedagoga”</i>
<b>Residente 7</b>	<i>“Sim. o contato com a realidade durante um longo período como ocorre na RP, nos dá a oportunidade de ter a vivência de um profissional docente, o que me ajudou a ter uma nova visão a respeito da profissão”.</i>
<b>Residente 8</b>	<i>“Sim! Com certeza contribuiu positivamente para minha identidade profissional, [...]”</i>
<b>Residente 9</b>	<i>“Desde o início já tinha certeza da docência, mas a RP contribuiu com certeza e [...] pude perceber a rotina e como funciona o dia a dia do professor”</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

Nas respostas é possível perceber que nem todos têm a certeza da docência, mas que de alguma forma a RP os ajudou. Aqueles que não queriam ser professores, a RP os ajudou a enxergar na docência sua vida profissional, construindo assim, a identidade docente desse licenciando; ajudou àqueles que já tinham certeza da docência a confirmarem tal concepção; e ajudou, até mesmo, alguns a perceberem que essa não é sua área de interesse, o que é fundamental, pois para um bom desenvolvimento do ensino-aprendizado é importante que o docente tenha a vontade de fazê-lo e de estar e sentir-se pertencente àquele espaço, pois a formação docente, como afirma Imbernón (2001, p.18):

A formação assume um papel que vai além do ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e com a incerteza.

Portanto, a construção da identidade docente está intrinsecamente ligada à forma como a prática se dá na formação inicial e o quanto isso pode ser determinante para a permanência ou não desses licenciandos em formação na sua área de atuação. Nessa ótica, Dantas (2007), em um estudo feito com professores formadores, conclui que:

Conforme os argumentos dos entrevistados, percebemos que, a princípio, estes não pensavam na docência, mas em outra profissão, embora todos demonstrassem interesse pela área do conhecimento em que hoje atuam como docentes. [...] No entanto, percebemos que a partir da relação estabelecida com a educação através da ação docente, gradativamente, demonstraram em seus discursos, terem se afirmado na atual profissão de formador. O que os fez mudar de idéia? Seria o contato direto com a docência durante a formação? Sim, pois, a partir daí, os entrevistados foram tendo clareza da profissão em que iriam atuar. (DANTAS, 2007, p. 32).

Para alguns, a RP promoveu um outro olhar sobre a escola, sobretudo a pública, que é alvo de muito desprestígio, mas que tem um potencial inestimável e que muitas vezes, nós que estamos em formação, não percebemos por não ter a oportunidade de vivenciar o campo escolar de forma reflexiva, crítica e com uma perspectiva de mudança. Pois, diante de todas as minhas experiências nas instituições escolares minha visão era coberta pelas lentes da escola “cheia dos problemas” e sem refletir, não via o potencial, nem mesmo o trabalho dos profissionais que fazem com tanta determinação e perseverança uma educação melhor dentro do que é possível.

#### Quadro 4. Você tem/teve uma boa relação com a(o) professora(or) e alunos?

<b>Residente 1</b>	<i>“Sim, os professores me receberam muito bem. Alguns são mais fechados em relação a nossa presença na sala de aula. Essa falta de abertura de alguns professores me desmotivou mas na residência tive a oportunidade de trocar e ir para um professor que me adaptasse melhor [...]”</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“Me apeguei fortemente aos alunos [...] já com os professores a conexão não foi tão espontânea e clara [...] foram poucas as professoras a quem me aproximei e as relações foram superficiais em sua maioria”</i>
<b>Residente 3</b>	<i>“Sim, uma ótima relação”</i>
<b>Residente 4</b>	<i>“sim. fui muito bem recebido”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“Nas 3 turmas que passei, infelizmente não tive boa relação com a professora [...] a professora não permitia que eu colaborasse com nada durante a aula”</i>
<b>Residente 6</b>	<i>“Sim. Tenho um contato muito próximo com todas as professoras que auxiliei e com os alunos, também. [...]”</i>
<b>Residente 7</b>	<i>“Eu passei por diversas salas e nem em todas elas fui bem recebida, as vezes não me sentia relevante no local. Mas em outras fui bem recebida e tínhamos um bom relacionamento”</i>
<b>Residente 8</b>	<i>“Sim, construí uma relação de amizade que vai para além da escola com a prof, e amo os alunos[...]”</i>
<b>Residente 9</b>	<i>“Com alguns professores. Sinto que tem uma relutância em relação a presença dos</i>

	<i>residentes por parte de alguns professores. A relação com os alunos foi mais tranquilo”</i>
--	--

Fonte: Nogueira, 2019.

No que tange a relação dos residentes entre os alunos e professores as manifestações nos mostram que, a maioria atingiu uma boa relação com os professores e a turma, o que gera certa satisfação. Entretanto, uma boa parte dos residentes pesquisados expressam que não houve uma boa relação, ou que perceberam certa resistência de alguns professores em recebê-los, e até mesmo professores que os receberam, mas que não permitia que o residente o auxiliasse. Trazendo minha experiência, como residente, nas minhas primeiras semanas dentro da escola eu ficava com duas professoras, e uma delas não solicitava-me nada e eu, ao me dispor e indagá-la se havia algo em que pudesse ser útil, a resposta era sempre a mesma: não. Isso foi me frustrando de uma maneira que eu desanimei plenamente. Embora eu já tenha dito, continuo a bater na tecla, no exemplo dado se pode perceber claramente o quanto a formação inicial pode contribuir para a permanência ou não do formando na profissão. Se eu continuasse com a professora mencionada, eu sairia e continuaria com o pensamento de não querer ser professora, e como tive contato com outras, hoje tenho minha identidade docente constituída e não sei me ver em outra profissão.

Portanto, é de se refletir uma formação coletiva e a consciência, ou a falta dela, de alguns professores em não aceitar um auxílio em sala. Acredito que os residentes, como demais estagiários, são de grande valor para um professor que atua sozinho dentro de sala e que tem a oportunidade de trabalhar coletivamente. Com isso, observa-se que alguns professores não têm consciência sobre sua responsabilidade, no âmbito escolar, em contribuir com a formação desses licenciandos. Nesse mesmo caminho, Veiga (2002, p. 84) afirma que, “outro aspecto a ser considerado nessa ótica da formação de professores refere-se à ação coletiva, integrando todo o pessoal que atua na escola bem com todos os processos que contribuem para a melhoria do trabalho pedagógico”.

Nessa perspectiva, ousou relacionar essa falta de consciência, desses “alguns” professores, com a formação inicial, pois é na formação inicial que se adquire, ou ao menos deveria, essa concepção de coletividade e, portanto, deve-se compreender que ao adentrar uma sala de aula, você não assume o compromisso somente para com a educação dos seus

alunos, mas, também, daqueles que estão em formação para que futuramente possam, a partir do exemplo tido em sua própria prática, fazer o mesmo e perceber a importância do trabalho coletivo e o compromisso que se tem, enquanto professor, em contribuir com a formação dos que virão.

Como a RP não está ilesa de tais desafios, assim como em qualquer outro programa de formação de professores, sempre haverá empecilhos, mas o que a de tornar o programa diferente ou não é a forma como se lida com tais adversidades. Na RP, há a possibilidade de troca de turma e na escola que fiquei a preceptora mostrou-se disposta a ajudar os residentes no que fosse necessário para nosso conforto dentro de sala. De início, foi feito um levantamento com cada residente acerca da etapa e ano que cada um tinha preferência em ficar. Com isso feito, a preceptora remanejou cada um para a turma de preferência e a partir disso iniciaram-se os contatos com os professores, professoras e turmas, e ao longo desse processo, muitos não se identificaram com o professor ou a professora que havia ficado e ao comunicar à preceptora, ela logo considerou novas possibilidades de troca. Durante as reuniões, muitos comunicaram que já havia mudado de turma diversas vezes, o que não é algo interessante, visto que o residente perde certo tempo, mas que por outro lado é significativo, pois o permite vivenciar várias didáticas e metodologias de ensino, ou seja, se tem visões diferentes sobre o mesmo fato (dar aula), o que amplia seu conhecimento sobre tal.

**Quadro 5. Você participava ativamente das atividades da escola e da sala, na qual estava inserido(a), sentia-se pertencente àquele espaço?**

<b>Residente 1</b>	<i>“Em alguns momentos sim, em outros não. Às vezes a escola exclui a gente de eventos e de comunicados, isso faz eu me sentir não pertencente da escola. Mas ao mesmo tempo fui bem acolhida em algumas situações e principalmente pela professora que eu fico em sala”</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“[...] A comunicação foi falha em diversos momentos, mas nada que afetasse tanto o processo dentro da escola. Sempre fui muito bem recebida [...] davam liberdade para sugestões e intervenções. Na sala de aula, talvez pelo método ainda tradicional da maioria dos professores, foram pontuais as participações ativas ao longo dos meses”</i>
<b>Residente 3</b>	<i>“sim, a receptora fazia questão que participasse de todas as atividades escolares”</i>
<b>Residente 4</b>	<i>“Sim! Vejo que a escola nos dá oportunidade de participar das atividades propostas”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“No início da RP, não. Pois, sentia que a escola no geral (professores, coordenadores, apoio à direção e direção) não tinham sido apresentados ao programa, pelo menos não de forma clara, e não compreendiam nossa função na escola. No entanto, no corrente ano de 2019 isso foi esclarecido e passei a me sentir parte do espaço [...]”</i>
<b>Residente 6</b>	<i>“Sim. [...] fizemos atividades sem estar em sala que me fazia conhecer bem a escola como um todo, [...] enfim, foi um processo que me fez ser pertencente do ambiente escolar”</i>
<b>Residente 7</b>	<i>“Da escola muitas vezes não, procurava sempre estar presente, mas muitas vezes me senti só mais um estagiário ali dentro da escola. Mas da sala de aula sim, a professora sempre contava com minha presença e fazíamos um trabalho em conjunto [...]”</i>
<b>Residente 8</b>	<i>“Sim, a escola tem muita coisa acontecendo ao mesmo tempo [...] é até difícil acompanhar tudo, mas participo das atividades e me sinto pertencente ao espaço, a ideia de ser uma comunidade de aprendizagem ajuda nesse sentimento de que todos são pertencentes e bem vindos na escola”</i>
<b>Residente 9</b>	<i>“Nem sempre, por ir só duas vezes por semana acabo ficando de fora de muitos outros projetos que acontecem [...] mas estabeleci uma relação boa com a última professora que acompanhei e desenvolvemos um projeto para aplicar com os alunos dela”</i>
<b>Residente 10</b>	<i>“Sim, sempre que viável. Só não participava quando realmente não era possível. No entanto não me sinto pertencente ao espaço, algumas condutas não são compatíveis com o que eu acredito”</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

Esse outro questionamento, refere-se ao ambiente escolar em geral e foi possível observar que a maioria dos residentes sentem-se pertencentes a tal ambiente e que participam ativamente das atividades da escola. No entanto, alguns narram que essa participação se dava

às vezes e que a escola muitas vezes os exclui, e também, pela falta de comunicação inicial entre os atores da própria escola, parece não ter havido uma clareza quanto ao programa e aos residentes. Nota-se nas respostas que, alguns dos que falaram não ter uma grande participação nas atividades da escola, apresentaram justificativas relacionadas aos poucos dias destinados a ir à escola (dois dias semanais) ou que a exclusão da escola, neste aspecto, ocorreu durante o início do programa, e no decorrer do semestre e ano foi sendo corrigido. O que por um lado é compreensível tendo em vista que é um programa novo e que ninguém havia conhecimentos prévios sobre tal, mas por outro, é imprescindível que a escola receptora tenha clareza do que é o programa e de como a atuação e participação dos residentes deve se dar. Nesse sentido, é possível inferir que essas escolas podem, ainda, estar acomodadas com o modelo de estágio supervisionado que por muito tempo tem sido adotado, em que os estagiários vão, observam, saem, e não desenvolvem uma participação efetiva e completa. Porém, saliento que, embora os residentes tenham tido essas dificuldades, que se apresentaram no início do programa, isso não os impediu a partir de certo momento, de participarem das atividades escolares, como coordenação, conselhos de classe, reuniões, projeto e a uma melhor compreensão sobre o cotidiano escolar e sua forma de funcionamento, assim como já visto. Por fim, a escola que recebe esses residentes, precisa comprometer-se a inserir e incentivá-los a uma participação efetiva e completa em todos os âmbitos da escola, pois, conforme nos faz refletir Imbernón (2001, p. 16) “a aquisição de conhecimentos por parte do professor está muito ligada à prática profissional e condicionada pela organização da instituição educacional em que esta é exercida”.

**Quadro 6. Você percebeu alguma diferença no desenvolvimento da(s) turma(s), na qual estava inserido? Se sim, quais?**

<b>Residente 1</b>	<i>“Sim, acabei por auxiliar no desenvolvimento de alguns alunos, onde uma professora apenas em sala não era suficiente para garantir que a turma "caminhasse de forma igual””</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“Sim, estou em sala de alfabetização e os meninos estão começando a ler. É maravilhoso perceber o desenvolvimento deles”</i>
<b>Residente 3</b>	<i>“Foi muito interessante poder ver de perto a evolução dos alunos [...] a evolução ao longo desse processo de aprendizagem é muito interessante, [...] observei muitos conflitos e foi interessante ver a forma como as crianças começam a aprender a lidar com eles [...]”</i>

<b>Residente 4</b>	<i>“Sim. Principalmente na leitura e escrita dos alunos. Tiverem uma evolução absolutamente positiva no sentido da escrita de textos e interpretação”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“sim, o avanço de alguns alunos na questão de ensino e aprendizagem e a mudança de postura ( de maneira positiva), dos professores que acompanhei”</i>
<b>Residente 6</b>	<i>“Sim! Em especial de uma aluna que não era alfabetizada por várias circunstâncias, e hoje ela está no 3 ano e houve um super avanço da aprendizagem dela”</i>
<b>Residente 7</b>	<i>“Sim, com o projeto que desenvolvi com a última professora que acompanhei, conseguimos ter um avanço enorme na leitura e escrita de alguns alunos que tinham mais dificuldade”</i>
<b>Residente 8</b>	<i>“Não percebi muita diferença”</i>
<b>Residente 9</b>	<i>“Sim. Ter uma residente, além da professora regente, possibilita um trabalho mais atencioso e individualizado, percebendo e agindo em questões que poderiam passar despercebidas”</i>
<b>Residente 10</b>	<i>“Sim, o processo da alfabetização é incrível... Dá pra acompanhar os níveis certinhos que a gente estuda da psicogênese, além do cognitivo percebi uma mudança absurda da maturidade das crianças[...]</i>
<b>Residente 11</b>	<i>“Sim, sempre. Falando especificamente da minha presença eu pude ajudar mais os professores a dar atenção para todos os aluno[...]</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

No que tange à percepção dos residentes quanto ao desenvolvimento dos alunos da turma na qual estava inserido, quase 100% dos residentes pesquisados, excetuando um, notaram um bom desenvolvimento dos alunos e apontaram alguns aspectos, como: o desenvolvimento percebido quanto à alfabetização (leitura e escrita); quanto ao comportamento e à cooperação dentro de sala que os residentes promovem. Dessa forma, observa-se, que houve o desenvolvimento de projetos, percepção e atuação com conflitos em sala e até mesmo, a visualização concreta de estudos aprendidos na faculdade:

*“Sim, o processo da alfabetização é incrível... Dá pra acompanhar os níveis certinhos que a gente estuda da psicogênese”* (Fala de uma residente).

Pelo exposto, é nítida a ocorrência da práxis e da reflexão no processo formativo, do poder visualizar verdadeiramente o que foi estudado na faculdade. É como se o teórico se tornasse tangível à nossas mãos e como bem expressou o residente, “incrível” torna-se a

palavra ideal para expressar tal experiência. Portanto, se bate mais uma vez na tecla da formação inicial pautada em um processo prático crítico reflexivo, pois “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (FREIRE, 2015, p. 24).

Por fim, outro aspecto importante a ser salientado, é o fato da grande contribuição, percebida por alguns dos residentes, dada aos professores e professoras, os quais, em grande maioria, trabalham sozinhos em turmas demasiadamente cheias. Portanto, com a presença de um residente dentro de sala, foi possível um suporte mais individualizados de forma a contribuir para um ensino equalizado.

#### 4.2. Relação entre Residência Pedagógica e estágio supervisionado

Neste tópico, são analisados os dados sobre a segunda seção do questionário que diz respeito à relação entre a RP e o estágio supervisionado. Destaco que nem todos os residentes fizeram o estágio supervisionado e as respostas são dadas a partir do que eles conhecem sobre tal.

#### Quadro 7. Quais as diferenças que você, como atual residente, percebeu entre a RP e o que você conhece de estágio supervisionado?

<b>Residente 1</b>	<i>“Acredito que a liberdade e a participação em sala. Na residência como o tempo de participação é maior me senti pertencente àquele meio”</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“Tive a oportunidade de fazer o estágio supervisionado em outro momento, e pude verificar que existe muitas diferenças entre eles. [...] a RP me deu muito mais liberdade e autonomia de me inserir no contexto. O tempo da RP cria um vínculo maior com os alunos e com a escola”</i>
<b>Residente 3</b>	<i>“A possibilidade de participação em todas as áreas da escola. Além da permissibilidade de atuar em sala não só como observadora, mas, também, com auxílio individuais, construção de material pedagógico, construção do plano de aula, participação na coordenação pedagógica, na construção de projetos extra sala”</i>

<b>Residente 4</b>	<i>“O estágio supervisionado é um período muito curto e acredito ser uma experiência superficial. A residência é uma experiência completa, partindo do ponto de que passamos um ano de troca de experiências com escola [...] o elo é maior e conseqüentemente a construção de aprendizagem também. Sentimos com mais clareza o que é a docência”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“Acredito que esse tempo mais estendido seja fundamental e um grande diferencial, além das horas de regência. Outro ponto seria o acesso a diferentes profissionais e áreas, fazendo com que a experiência na escola seja mais abrangente”</i>
<b>Residente 6</b>	<i>“Que a residência tem mais liberdade para conhecer todas as áreas da escola, não é só a sala de aula [...] não é só chegar no nervosismo e dá uma aula na turma que te jogarem como vejo que acontece no estágio. Tem a questão da bolsa também que ajuda a gente se manter na escola [...]”</i>
<b>Residente 7</b>	<i>“[...] a principal diferença que percebo é o salto qualitativo permitido por causa do tempo de envolvimento”</i>
<b>Residente 8</b>	<i>“o tempo de acompanhamento e troca de experiências que ocorre entre professor; residente; aluno; escola; direção”</i>
<b>Residente 10</b>	<i>“[...] posso participar ativamente das demais atividades da escola, diferente do estágio supervisionado, que nos oferece apenas a visão de professor. Sem falar na bolsa, que sem dúvida serve de motivação ainda mais!”</i>
<b>Residente 12</b>	<i>“A própria vivência dentro da escola, o dia a dia, acompanhar a turma durante todo o ano, a relação com os professores, poder participar de conselhos de classe, reuniões, formação e etc”</i>
<b>Residente 13</b>	<i>“Acho que temos mais acesso aos outros espaços da escola, além da oportunidade de desenvolver projetos”</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

Como se pode ver, as diferenças apontadas pelos residentes se encaixam com as concepções de estágio supervisionado contempladas no capítulo 2, fundamentadas pelos autores (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005; PIMENTA, 2010; GATTI, 2010). Analisando, observa-se que o estágio supervisionado parece ser algo conhecido por todos licenciandos, pois, imersos no mesmo espaço de formação e tendo contato com estudantes em diferentes

etapas do curso, é natural que os conhecimentos sobre tal sejam difundidos e compartilhados. Nos discursos, vemos algumas diferenças recorrentes percebidas pelos residentes entre a RP e o estágio supervisionado, tais quais: I. A possibilidade que a RP proporciona em poder participar de todas as áreas da escola, que inclui maior liberdade e autonomia nos processos e atividades escolares. II. O tempo maior que a RP tem, que permite um conhecimento maior sobre o espaço e a profissão docente, III. Motivação que a bolsa da RP propicia. Nesse sentido, percebe-se que a RP permite ao residente adentrar os demais campos da escola e atuar dentro deles, encaminhando-os a favor de uma formação participativa, colaborativa e não apenas observadora. Para complementar essa discussão, apresento outras falas dos residentes quanto a uma segunda pergunta sobre o assunto.

#### Quadro 8. Como você acha que seria seu estágio se não existisse a RP?

<b>Residente 1</b>	<i>“Apenas representações em uma linguagem acadêmica mecânica de um ambiente de observação”</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“Acredito que a relação de amizade, afeto e troca de experiências seriam menores. Apenas cumpriria o tempo estabelecido com menos envolvimento com a docência, com os professores, com os alunos e com as realidades enfrentadas”</i>
<b>Residente 3</b>	<i>“Acho que grande parte da RP foi o vínculo com a escola, os alunos e o espaço de autonomia que vivenciei com a equipe gestora. Foi muito interessante fazer parte da equipe escolar de forma tão diversa como enquanto "residente" [...] não acredito que teria vivenciado essa gama de experiências no estágio supervisionado”</i>
<b>Residente 4</b>	<i>“Mais burocrático e limitado”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“Seria algo corrido e raso”</i>
<b>Residente 6</b>	<i>“Imagino que seria como mais um trabalho de uma disciplina, mas voltado somente para a sala de aula”</i>
<b>Residente 7</b>	<i>“Não iria ter tanta experiência pq o tempo é menor [...]”</i>
<b>Residente 8</b>	<i>“Algo focado em uma área específica dentro da pedagogia, sem abranger todos os campos que a escola possui”</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

Com as respostas, vemos que em muito se complementa com quadro anterior (7) e percebe-se que a noção que os residentes têm sobre o estágio supervisionado é sobre um

estágio, superficial, burocrático e limitado à sala de aula. A mais evidente diferença é que na RP tem-se a oportunidade de estar e atuar nos demais âmbitos da escola. Portanto, percebe-se que as respostas encaminham-se para o mesmo sentido, nos mostrando que o ponto chave tem sido a ampliação da atuação desses residentes nos diversos campos que compõe a escola. Para tanto, Roldão (2007) enfatiza tal necessidade, quando afirma que:

A formação inicial só será eficaz se transformar-se *em formação em imersão*, também transformadora dos contextos de trabalho, feita com as escolas, que, por um lado, coloque os futuros professores em situação que alimente o seu percurso de formação inicial e, por outro, converta as escolas, os jardins de infâncias, os contextos de trabalho em que os nossos profissionais vão atuar, em outras tantas unidades de formação que conosco, ensino superior e investigadores, construam parcerias de formação/investigação, desenvolvidas dentro da ação cotidiana da escola, transformando-a em espaço real de formação profissional permanente. (ROLDÃO, 2007, p. 40).

### 4.3. Relação dos residentes com as preceptoras

Na RP da Pedagogia, há três preceptoras, uma para cada escola. Os preceptores são professores da rede de ensino que se dispõem a acompanhar os residentes. Não somente a acompanhá-los, mas deve promover reuniões, integração dos residentes na escola e com os demais professores e contribuir com a formação desses residentes. Portanto, pode-se dizer que os preceptores são mediadores entre os residentes e a escola. Por isso, é essencial que haja uma boa relação entre todos, uma vez que o processo formativo, tanto dos residentes, quanto o das preceptoras, deve se dar de forma coletiva e colaborativa para que as aprendizagens de ambos sejam efetivas e significativas.

**Quadro 9. Qual é/era sua relação com a preceptora?**

<b>Residente 1</b>	<i>“Ela foi muito solícita e compreensiva. Estava disponível para o que fosse preciso”</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“É uma relação muito boa. Ela está sempre aberta ao diálogo e é bastante compreensiva com nossas questões, e sempre intercedeu por nós”</i>
<b>Residente 3</b>	<i>“bastante positiva, pois a preceptora sempre tem o cuidado e o incentivo a docência com os residentes com os residentes”</i>
	<i>“Apesar de não ser muito próxima, [...] ela nunca negou ajuda, e sempre que pode,</i>

<b>Residente 4</b>	<i>chamava para auxiliar e participar também”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“Excelente relação”</i>
<b>Residente 6</b>	<i>“[...] sempre se mostrou muito solícita e atenciosa”</i>
<b>Residente 7</b>	<i>“É boa. A preceptora sempre está apta a ajudar e preocupada se caso ocorra algo, ela pensa na escola e em como podemos fazer pra acrescentar coisas [...]”</i>
<b>Residente 8</b>	<i>“Boa, ela estava sempre presente e disponível para nos ajudar e tirar dúvidas”</i>
<b>Residente 9</b>	<i>“Boa! ela orienta, tira dúvidas, demonstra interesse, faz reuniões toda semana, indica livros, apresenta palestra com a gente... Se preocupa com a relação que estamos significando da teoria e prática”</i>
<b>Residente 10</b>	<i>“Tranquila, ela me dava abertura para opinar e desenvolver atividades com as crianças”</i>
<b>Residente 11</b>	<i>“Muito boa, ela sempre ajuda quando precisamos e procura se envolver”</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

Com relação à esse tópico, entende-se que todos têm uma boa relação com a preceptora e que, estas mostram-se comprometidas com os residentes e seu processo formativo. Alguns citam a preocupação da preceptora em relacionar a teoria e a prática, o que é fundamental e deve ser enfatizada na prática de um preceptor. Embora algumas dificuldades tenham se evidenciado, como falta de aproximação e até falta de uma maior participação da preceptora, observa-se que isso não os impediu de ter uma boa relação. Com isso, notou-se um outro aspecto de grande importância: o fato de uma relação pautada no diálogo. São muitos os relatos que citam que a preceptora está sempre disposta a ajudar e sempre que se precisa dela o contato é efetivo. É fundamental que os licenciandos, nesta etapa de formação inicial, contem com uma rede de apoio e com profissionais dentro do seu próprio campo de atuação futura e não somente com os professores dentro da faculdade, para que assim, os “formandos possam praticar sob a orientação de um profissional, um formador que lhe faz a iniciação e o ajuda a compreender a realidade” (ALARCÃO, 1996, p. 13), logo, uma práxis é efetivamente desenvolvida, gerando uma formação crítica e reflexiva.

#### 4.4. Desafios no programa: uma formação complexa.

Nesse tópico serão discutidos os desafios encontrados pelos residentes durante o programa.

**Quadro 10. De forma geral, quais os desafios encontrados durante a RP?**

<b>Residente 1</b>	<i>“Entender o meu papel na escola. Pensar em estratégias pedagógicas adequadas a alunos com deficiência. Manter um diálogo contínuo com a direção da escola”</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“Reuniões com a coordenadora; reunião com os residentes da escola; aceitação de alguns professores”</i>
<b>Residente 3</b>	<i>“Ter professores mais receptivos”</i>
<b>Residente 4</b>	<i>“Criar planos de aula e lidar com algumas dificuldades relacionadas à falta de conhecimento para agir com alguma criança com transtorno ou déficits”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“Conseguir lidar com as adversidades presentes na escola pública e da falta de união presente dentro da escola em relação a gestão, os professores e a comunidade”</i>
<b>Residente 6</b>	<i>“Diálogo com o corpo docente e, de início, entendimento errôneo da proposta da nossa atuação na escola”</i>
<b>Residente 7</b>	<i>“[...] falta de organização da equipe escolar (descobríamos o que faríamos no dia na hora que chegávamos na escola), falta de informação e comunicação [...]”</i>
<b>Residente 8</b>	<i>“Em maior parte a organização da própria escola e da CAPES”</i>
<b>Residente 9</b>	<i>“Marcar reuniões, estar presente sempre que possível, algumas questões de organização, de saber o que deve ser feito e etc”</i>
<b>Residente 10</b>	<i>“Práticas pedagógicas desenvolvida pelas professoras que acompanhei, muitas vezes não conseguia concordar e por conta disso tive que trocar de turma”</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

Percebe-se que os desafios são muitos e bastante diversos, mas alguns incidem sobre o mesmo fator, aqui os elenquei da seguinte forma: a) a relação com os agentes da escola que abrange a falta de reuniões, diálogo e união; b) aceitação de alguns professores quanto aos

residentes; c) questão da dificuldade pedagógica de fazer planos de aula e ter estratégias metodológicas, inclusive para alunos com deficiências; d) distância da residência para a escola; e) entendimento errôneo sobre a atuação dos residentes na escola; falta de reuniões e organização do que deve ser feito. No que tange às dificuldades de relacionamento dentro da escola, tanto residente-professores; residentes-direção; gestão-professores-comunidade, que foram citadas, podemos encontrar explicação em Veiga (2002, p.67) a qual afirma que:

Nesse mundo complexo e de profundas transformações, também se tornam mais complexas as práticas educativas e torna-se inquestionável uma nova forma de organização do trabalho das instituições e nos processos de formação inicial e continuada de professores bem como posicionamento de todos os que trabalham na educação.

Com isso, notou-se que a escola apresenta certa dificuldade com esse complexo processo de formar docentes, tendo como base a não aceitação dos residentes por parte de alguns professores aliada, também, a falta de compreensão da proposta de atuação dos residentes na escola. A fim de colaborar com as respostas dos colegas residentes, trago ao discurso a minha experiência como uma, também, residente. No início do programa muitos professores não tinham conhecimento do que de fato os residentes faziam, para eles, éramos como estagiários convencionais, o que se confirmou, para mim, quando eu ficava apenas sentada na cadeira de trás observando e nada era, a mim, solicitado. Ao longo das reuniões isso foi sendo disseminado aos professores, que pelas respostas, alguns, de modo infeliz, ainda têm uma noção limitada da atuação dos residentes. Alguns não aceitam residentes dentro de suas salas, o que dificulta o processo de formação dos licenciandos, pois também fazem parte do ambiente escolar. Com isso, repara-se que estes professores não compreendem seu compromisso em contribuir, também, para a formação de futuros professores, o que converge com o pensamento de Imbernón e Cólen (2015, p. 58, tradução nossa):

E toda a literatura sobre formação há muito tempo diz que precisamos treinar um profissional autônomo, que trabalha em colaboração com outros profissionais em seu centro, capaz de gerar projetos de intervenção, compartilhar dúvidas, problemas e soluções inovadoras por meio de deliberação ou reflexão individual e coletiva.

Outro ponto relevante e bastante mencionado foi a questão da dificuldade pedagógica de fazer planos de aula e de ter estratégias metodológicas, algo que considero ser natural para licenciandos que estão iniciando sua prática docente. Nesse sentido, a RP contribui para sanar tal desafio, visto que exige plano de aula das 100h de regência, a ser comprovado a CAPES. Dessa forma, ao longo desse contato e dessa prática, torna-se mais simples o fazer. Um problema, que embora tenha tido uma menção apenas, acho importante mencioná-lo: a desorganização da própria CAPES. O programa teve um curto período entre discussões e implementação, o que gerou certo afobamento e muitas informações foram passadas de forma superficial e aligeirada deixando muitas dúvidas sobre certos assuntos, que embora tenham sido comunicados e sanados posteriormente em reuniões, continuavam a ser questionados, uma vez que, como percebido no capítulo anterior, o edital não contempla muitas informações e se apresenta de forma imprecisa e inconcluso. Portanto, quanto a esse aspecto, compartilho de tal insatisfação e muitas outras dificuldades ocorridas decorre de tal desarranjo.

#### **4.5. Contribuições da Residência Pedagógica**

Aqui, apresento as contribuições percebidas pelos residentes, a fim de mostrar o potencial do programa, bem como contribuir para as análises e discussões nesse sentido. Embora, já tenhamos percebidos as diversas contribuições da RP para a formação dos residentes nos primeiros capítulos, julgo necessário prosseguir essa análise apresentando os dados de uma pergunta direcionada diretamente à essa questão.

#### **Quadro 11. De forma geral, quais as principais contribuições da RP?**

<b>Residente 1</b>	<i>“Acredito que um maior entendimento no papel do pedagogo dentro de sala”</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“Vivência mais completa da docência”</i>

<b>Residente 3</b>	<i>“A RP me permitiu admirar a escola pública em outros níveis, entender o processo democrático que existe dentro dessa realidade, [...] enxergar novas possibilidades para a formação de professores [...]”</i>
<b>Residente 4</b>	<i>“A prática docente, entender rotina, processos, burocracias, metodologias, estratégias pedagógicas [...]”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“uma outra forma de ver os profissionais da educação e seus dia a dia, [...]”</i>
<b>Residente 8</b>	<i>“Encontre-se como profissional da educação, e onde quero atuar dentro da escola”</i>
<b>Residente 9</b>	<i>“Maior conhecimento pedagógico”</i>
<b>Residente 10</b>	<i>“Promoveu o meu contato com docência, no qual não tive oportunidade durante a graduação”</i>
<b>Residente 11</b>	<i>“Vivência em sala de aula, construção e aplicação de planos de aula, interação com professores atuantes, etc”</i>
<b>Residente 12</b>	<i>“Sem dúvidas foi ver que você estava contribuindo com uma escola, ajudando, sendo útil, ver nos olhos das crianças a gratidão de ajudá-las em um simples exercício”</i>
<b>Residente 13</b>	<i>“Poder vivenciar a escola, acompanhar o dia a dia da escola, ir além da observação”</i>
<b>Residente 14</b>	<i>“A formação da nossa identidade profissional, a questão da prática msm”</i>
<b>Residente 15</b>	<i>“A prática e a vivência nos proporciona inúmeros aprendizados, a ponte feita com toda a equipe escolar, professores e alunos nos coloca diretamente em contato com essa realidade”</i>
<b>Residente 16</b>	<i>“Entendimento maior do funcionamento interno da escola por meio da prática”</i>

Fonte: Nogueira, 2016.

No que diz respeito às contribuições, compreende-se que, embora todos os desafios, as contribuições os ultrapassem. Percebe-se que a RP proporcionou grandes conhecimentos quanto à prática docente, à vivência do cotidiano escolar em seus diferentes âmbitos, aspectos estes destacados de forma quase unânime pelos pesquisados. Foi possível perceber que os residentes tiveram a oportunidade de aprender sobre metodologias, didáticas diferentes, puderam desenvolver planos de aula, bem como a oportunidade de viver a docência e de encontrar-se como um docente. Com isso, parece-nos óbvio que a constituição da identidade docente está intrinsecamente ligada à formação inicial e mais ainda a forma como essa

formação se dá, no sentido de que a prática, dentro do campo de atuação, é primordial para que o licenciando se perceba como um professor ou testifique que essa não é a sua área. Dessa forma, uma prática dialógica e reflexiva tem um grande poder sobre a formação de futuros professores que encaminham-se para um ensino crítico, reflexivo, logo, significativo; professores que vão na contramão de um ensino tradicional e que tenham uma nova visão e perspectiva sobre a educação, e não somente isso, mas para uma educação de melhor qualidade. Assim como bem expressam alguns residentes:

*“A RP me permitiu admirar a escola pública em outros níveis, entender o processo democrático que existe dentro dessa realidade e como ele pode ser um exemplo para a renovação política e social [...] entender a realidade escolar contemporânea, pensar novas abordagens para a sala de aula e para a cidadania”*

*“Uma outra forma de ver os profissionais da educação e seu dia a dia, perceber como é necessário inovar na educação para alcançar todos os alunos”*

Portanto, é evidente o quanto a RP tem a capacidade de promover uma formação que além de contribuir para a constituição da identidade docente, amplia o olhar sobre as possibilidades de uma educação melhor, e o que julgo mais importante: uma afável visão sobre a escola pública que é sabido que sempre sofreu grande desprestígio social, e como já mencionado: segundo o INEP (2017), sabe-se que muitos se formam em Pedagogia e não seguem na área, o que pode ser atribuído, entre outros fatores, à forma como a profissão é vista socialmente. E o desprestígio acomete desde o início, na escolha de um curso, quando “os alunos que ingressam nesses cursos, geralmente, o fazem por não terem conseguido entrar em outros cursos” (SOUZA; OLIVEIRA, 2011, p. 16) de prestígio maior.

Como nenhuma política pública está isenta de imperfeições, o programa da RP não seria diferente. Como sendo um programa novo e de grande expectativa sobre tal, foi perguntado aos residentes sobre aspectos que poderiam ser melhorados na RP, com o intuito de promover elementos para a discussão e de melhoria para futuras edições do programa de RP. Portanto, serão apresentados os aspectos de maior ocorrência sobre as 15 respostas para essa pergunta.

**Quadro 12. O que poderia ser melhorado no projeto, tanto no âmbito da UnB, quanto no âmbito da escola receptora?**

<b>Residente 1</b>	<i>“Com certeza enfatizar a importância da nossa existência para toda a gestão escolar “</i>
<b>Residente 2</b>	<i>“Acredito que precisa ser deixado claro o que se espera dos residentes, da escola e da UnB”</i>
<b>Residente 3</b>	<i>“O repasse de informações. Acho que houve muitos desencontros nas falas e orientações da CAPES, orientadoras e preceptoras. É necessário um esclarecimento maior sobre o projeto”</i>
<b>Residente 5</b>	<i>“A apresentação do programa e ambientação na escola poderiam ser mais claras e efetivas. Acredito que esses pontos atrapalharam um pouco na “engrenagem” inicial do programa”</i>
<b>Residente 6</b>	<i>“Acredito que uma apresentação melhor do âmbito escolar, do residente e do trabalho que ele pode desenvolver”</i>
<b>Residente 7</b>	<i>“a unb poderia proporcionar uma maior troca entre todos os cursos participantes da residência, e com relação à escola, um envolvimento maior no planejamento pedagógico, não só da escola como também dos docentes”</i>

Fonte: Nogueira, 2019

Nesse ponto, as respostas evidenciam uma insatisfação maior quanto à ambientação na escola, que pelo edital deve ser feita no início da RP e quanto à organização e clareza sobre o programa, sobretudo, no que tange à atuação dos residente na escola. Como já constatado, o edital nº 06/2018 não se mostra claro quanto a aspectos do “fazer” prático dos residentes, nem mesmo das escolas, o que colabora para o surgimento destes desafios. Por essa falta de nitidez do edital para com o programa, muitas orientações eram passadas ao longo do processo, o que gerava dúvidas e inconsistência nas informações, pois eram informações dadas “boca a boca” então as dúvidas eram frequentes. Outro ponto a ser evidenciado é a questão da aceitação dos residentes pelos demais professores da escola, pois como já visto, alguns professores não aceitam residentes dentro de suas salas, o que pode ocorrer pela falta de compreensão e clareza da atuação deles na escola, uma vez que a atuação dos residentes gera satisfatório apoio dentro de sala, bem como na aprendizagem equivalente a todos os alunos, assim como se pode observar nas falas dos próprios residentes:

*“A professora sempre contava com minha presença e fazíamos um trabalho em conjunto [...]”*  
(Residente 1).

*“Com o projeto que desenvolvi com a última professora que acompanhei, conseguimos ter um avanço enorme na leitura e escrita de alguns alunos que tinham mais dificuldade”* (Residente 2).

*“Ter uma residente, além da professora regente, possibilita um trabalho mais atencioso e individualizado, percebendo e agindo em questões que poderiam passar despercebidas” (Residente 3).*

Portanto, é necessário que haja uma maior elucidação sobre o programa, tanto no âmbito da UnB quanto no âmbito das escolas receptoras, de forma a deixar evidente a função dos residentes dentro daquele espaço. Faz-se necessário, também, a transmissão da importância dos residentes para os demais professores da escola, de forma a promover o compromisso de todos do ambiente escolar na formação dos licenciandos. No âmbito da UnB, é sugerido em uma das narrativas que haja uma melhor integração entre os residentes dos demais subprojetos. Nesse sentido, cabe apontar que, durante o programa; ocorreram três encontros com todos os residentes, preceptores e docentes orientadores de todos os subprojetos da RP, na própria UnB. O primeiro encontro dos residentes aconteceu em forma de oficinas, no projeto “UnB+escola, já explicitado anteriormente. O segundo encontro foi intitulado “I Seminário do Programa Residência Pedagógica” e teve como tema “Organização do trabalho Pedagógico”. Tal seminário contemplou a exposição de banners sobre os respectivos subprojetos, houve o compartilhamento de experiências e palestras de alguns professores com a mediação da coordenadora institucional da RP da UnB. O terceiro encontro, ocorrerá após a defesa desse trabalho, mas também abrangerá a associação de todos os residentes dos demais subprojetos. Nesse caminho, faz-se essencial a ocorrência desses encontros para que todos que estão participando desse processo formativo, desde residentes a docente institucional, tenham a oportunidade de vivenciar e compartilhar suas experiências do programa com todos que dele participam, uma vez que tal integração é primordial para a aquisição de novas experiências, ideias, sugestões e soluções, uma vez que são cursos diferentes e visões de espaços distintos que se acham em um mesmo propósito - formação docente. Logo, para seu ensino aprendido deve-se perceber “o desenvolvimento da pessoa e a colaboração entre iguais como um fator importante no conhecimento profissional” (IMBERNÓN, 2001, p. 14). Dessa forma, portanto, embora se tenha vivido tais encontros, cabe a sugestão de uma organização maior e mais sistemática para que esses encontros ocorram com maior recorrência durante os 18 meses do programa, como também, percebo como necessário, para uma organização e preparação, tanto da instituição formadora, quanto das escolas e dos residentes, que haja um calendário pré definidos desde o princípio do

programa com datas para estes encontros, para que assim um trabalho sistematizado e mais próximo à realidade dos residentes seja desenvolvido.

#### 4.6. A percepção das preceptoras e professoras quanto à RP - Pedagogia/UnB

Neste subtópico, analiso as respostas das entrevistadas no que tange suas percepções sobre a residência pedagógica, sobretudo às principais contribuições e desafios do programa na escola.

**Quadro 13. Quanto às contribuições e desafios do programa na perspectiva das preceptoras**

	Contribuições	Desafios
<b>Preceptora 1</b>	<i>“[...] oxigena bastante o debate acadêmico porque a gente tem acesso ao que está sendo discutido na universidade [...] trazem propostas que viram nas disciplinas, ideias, especialmente aqui, a gente construiu juntos o projeto CALEANDRA [...]”</i>	<i>“foi desafiante o cumprimento de horário [...] e acho que tbm faz parte da vida acadêmica, de quem trabalha e estuda”</i>
<b>Preceptora 2</b>	<i>“[...]trouxeram muitas ideias novas [...] puderam trazer as experiências pra cá [...] poder participar com eles lá na unb nas formações, foi muito enriquecedor [...] porque levamos um projeto daqui pra apresentar lá, a unb ficou mais próxima pra mim e pra escola tbm.</i>	<i>“ [...] demorou um tempo pra saber qual era o papel deles na escola, e o papel do preceptor, preencher ficha, essa coisa de saber o que cada um fazer [...]”</i>
<b>Preceptora 3</b>	<i>“[...] é uma contribuição enorme, os residentes têm contribuído muito para aqueles alunos que precisam de uma atenção especial, podem ficar ali mais próximo. [...] o contato com jovens que estão iniciando na profissão e que às vezes vem com uma visão diferenciada [...] Essa questão da RP ter vindo para nossa escola, ela fortaleceu esse laço, trouxe oportunidade da gente ter conhecimentos e ter uma ligação maior com a universidade”</i>	<i>“inicialmente a resistência de alguns professores em aceitar uma outra pessoa. Depois que foi acontecendo, já teve até briga de professores querendo um residente na sua sala porque realmente estava auxiliando, ajudando, trazendo coisas novas, inovações que estavam estudando na universidade”</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

Quanto às contribuições do programa para a escola, percebeu-se em todas as respostas que uma das principais contribuições, foi o fato de os residentes trazerem ideias novas para o trabalho pedagógico. As preceptoras citam projetos desenvolvidos juntamente com os residentes, a partir de suas ideias. A Pedagogia, como ciência que estuda a Educação, está, assim como as demais ciências, em constante processo de transformação; muitas vezes, os professores que já estão por longos anos na profissão, naturalmente vão perdendo o contato com os estudos do campo. Por isso, a atuação de licenciandos dentro das escolas se faz essencial, pois colabora para esse processo de atualização científica no campo de formação. Outro aspecto mencionado pela maioria das preceptoras, foi o da relação escola e Universidade. Dos estudos anteriores, aqui feitos, percebeu-se que ainda é um grande desafio a efetiva interligação entre ambas as instituições, notando que a promoção de uma ligação maior entre a escola e a Universidade foi um ponto importante na visão das entrevistadas, o que evidencia um importante passo que o programa promoveu nesse sentido. Durante o programa, houve encontros, seminários e reuniões que reuniam preceptores, residentes e docentes institucionais o que promove uma fusão entre as escolas de Educação Básica e a Universidade. Nesse sentido, cabe citar que a partir do programa, surgiu o projeto “UnB+Escola”, conduzido pela Coordenação de Integração das Licenciaturas - CIL, situada na UnB. O referido projeto tem como objetivo principal promover uma maior integração entre professores e pesquisadores da Universidade de Brasília e da Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEEDF, por meio da realização de diversas atividades de extensão: palestras, cursos, oficinas e mostras pedagógicas. A figura (1) abaixo, representa uma publicação, da 23ª edição (2019) da revista “Darcy”, da UnB, de uma das oficinas ofertadas pelos residentes de Pedagogia para professores, tanto da UnB como da SEEDF e estudantes da UnB.

Figura 1. Publicação na Revista “Darcy” - UnB



Fonte: Darcy, 2019.

Diante disso, assim como entende Nacarato (2016, p. 713), “a parceria universidade-escola precisa ser uma construção coletiva, pautada no respeito e na abertura ao diálogo”. Portanto, observou-se que, quando se tem tal parceria, o trabalho pedagógico dentro das escolas torna-se melhor, bem como a formação dos licenciandos, uma vez que esta dar-se de forma dialógica, tanto na universidade quanto na escola.

No que se referem aos desafios percebidos pelas preceptoras, observou-se certa insatisfação quanto aos atrasos e faltas dos residentes, dando-se, segundo a entrevistada, pelo fato de trabalharem, estudarem e ir para a RP. Um segundo aspecto que aparece na narrativa de uma das entrevistadas (2) é o fato da não compreensão sobre os papéis e deveres, quer dos residentes, quer da própria preceptora. Nesse momento, cabe lembrar que tal aspecto converge com um dos desafios percebidos pelos residentes (quadro 10), em que percebemos que muitos dos outros desafios, decorreu-se da falta de compreensão sobre o papel dos residentes na escola. Um desafio que pode ter tido origem por essa falta de conhecimento dos papéis, foi o mencionado pela terceira preceptora, a qual narra sobre a resistência de alguns professores em receber um residente. Novamente, nota-se a ocorrência de um desafio percebido, tanto pelas preceptoras, quanto pelos residentes. Nessa perspectiva, é importante e necessário que, logo de início, se faça um trabalho de sensibilização sobre o papel dos residentes na escola, bem como mostre a importância de cada professor na formação dos

licenciandos e futuros professores. Caminhando para o final da discussão, mostro-lhes os dados referentes às professoras entrevistadas.

**Quadro 14. Percepções do programa sob a ótica das professoras**

	Contribuições
<b>Professora 1</b>	<i>“Os alunos aceitaram bem, como elas são crianças pequenas, no início do ano tem as dificuldades de adaptação, então os residentes acaba auxiliando a gente também nessa fase a gente vai dando algumas dicas do que pode fazer do que não pode, aí eu acho que o residente tem sim uma colaboração. [...] Quando eles pedem licença para fazer a regência geralmente eu saio para dar uma autonomia maior para ele, vou falando o que é para ser feito, qual é o tema, aí quando entro, às vezes dá uma olhadinha na janela mas sempre por fora”</i>
<b>Professora 2</b>	<i>“eu esperava que a residência fosse parecida com o antigo estágio, que houvesse aquele momento de observação participação e depois a regência [...] percebi essa diferença [...] os residentes já chegaram e já foram atuando, já foram participando, e, assim de uma certa forma até contribuindo para que acontecesse a minha regência mesmo [...] essa forma de residência, de novo estágio, digamos assim, contribui mais efetivamente para que o professor entre em sala e não aconteça o que aconteceu comigo [...] eu percebi que eu pude contar em outras áreas, não só nas atividades em sala, mas eu pude contar com a questão de elaborar atividade extraclasse, na questão de uma apresentação de uma coreografia, de uma atividade na quadra”</i>

Fonte: Nogueira, 2019.

Em relação às entrevistadas, a primeira delas é professora de contrato temporário, atua na escola há dez meses e leciona para o 1º período da educação infantil. A segunda professora entrevistada atua na SEEDF há 25 anos e leciona para o 3º ano do Ensino Fundamental I. Buscou-se com essa entrevista, conhecer o juízo das professoras sobre o programa, as quais receberam residentes, posto que fazem parte da rede de apoio que os residentes dispõem, bem como são de fundamental importância para a formação desses licenciandos. É interessante perceber que as entrevistadas demonstram que os residentes que receberam tiveram importante contribuição dentro de sala. Embora houvesse certa confusão sobre o papel deles e confusão entre estagiário e residente, uma das professoras diz ter percebido a diferença ao ver a ativa participação do residente dentro de sala e em outros espaços e atividades. Trazendo minha experiência com a professora que fiquei durante todo o programa, percebi que os professores regentes têm fundamental papel na formação de um licenciando. Diante das outras experiências tidas com outras professoras na RP (fiquei com mais de uma no início) eu continuava com o pensamento de não querer ser professora de forma alguma e, em razão do

diferencial da professora com a qual terminei o programa, a qual mostrava-me estratégias diferentes, soluções para determinadas complicações, e o mais importante para minha constituição como docente, o grande apoio e ajuda prestados durante as regências e nas reflexões sobre minha prática promovidas após as aulas dadas. Nesse caminho, Cavalcante (2013, p. 61) afirma que um “bom professor é conhecido pela sua prática social, seu trabalho pedagógico, tendo em vista que ele constrói sua identidade profissional e pessoal na própria atividade, na interação com os outros, como um sujeito aberto a reflexão de seu agir de forma dialética”. Dessa forma, portanto, a partir do suporte prestado para comigo eu pude perceber que eu podia e sabia ser uma professora, o que deixa evidente o importante papel que um professor tem sobre a formação de um graduando, mais ainda na constituição do ser docente. À vista disso, este professor regente torna-se um professor-formador. Logo, é primordial que os professores que recebem, quer estagiários, quer residentes e outros, tenham consciência desse papel e o assumam com vigor e seriedade.

Para finalizarmos essa discussão, apresento-lhes o último aspecto que revela o motivo pelo qual o programa RP deve continuar, na percepção dos residentes.

#### **Quadro 15. Você acha que o programa deve continuar? Por quê?**

*“Sem dúvida alguma. O processo de formação do pedagogo é voltado para a docência, e leva em consideração multifacetadas da realidade que são necessárias para se pensar a sala de aula a formação humana. Acredito que em toda a sua diversidade, adversidade e multiplicidade, a RP contribui em muito para a compreensão de uma cidadania plena, uma escola aberta, participativa e autônoma, dando espaço a outras dimensões do ser pedagogo e do fazer pedagógico”*

Fonte: Nogueira, 2019.

Nesse último quadro, optei por não apresentar todos os relatos, uma vez que encaminham-se todos para a mesma consideração, e a narrativa acima representou de forma plena todos os demais. No que tange a esse questionamento, feito para os residentes, as respostas foram unânimes e demonstraram o desejo de continuação do programa, uma vez que este contribuiu distintamente para a formação desses residentes. Embora todas as adversidades vivenciadas, analisadas e observadas aqui, é inegável o quão o programa proporcionou autonomia e liberdade de atuação dentro da escola e em seus diferentes âmbitos, o que confere uma das atribuições da formação inicial, que segundo Veiga (2002, p. 85) “visa oferecer aos futuros profissionais condições de autonomia e desenvolvimento de uma

consciência crítica”. Percebeu-se, que a atuação dos residentes não reduziu-se à sala de aula, nem mesmo à simples observação, uma formação que contempla os diversos espaços em que se atuará um pedagogo dentro de uma escola.

## **A FORMAÇÃO DOCENTE EM SUAS MULTIFACETAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Finalmente, buscou-se com essa pesquisa, apresentar de forma completa os impactos da RP na formação dos licenciandos de Pedagogia, expondo suas experiências no programa a fim de que compreendamos, de forma ampla, as contribuições e os desafios do mesmo. A formação inicial demonstra ter suas especificidades e particularidades, tal como formar para uma prática crítica e reflexiva, que pode parecer fácil, mas comporta grande complexidade. Nessa perspectiva, que formação se quer dar ou receber? Dos estudos aqui feitos, compreendeu-se que a formação inicial muitas vezes dá-se de forma superficial e no campo da mera observação, todavia, por outra face, ela pode e deve dar-se de forma crítica, reflexiva e, principalmente, de forma coletiva. Em qual dessas facetas está a RP? Entendo que nessa última, uma vez que ficou evidente que a contribuição mais percebida durante o estudo, a partir da perspectiva dos residentes, foi a oportunidade que tiveram de atuar dentro do campo escolar de forma integral e ampla, adentrando e efetuando sua prática nos vários espaços que compõem uma escola, o que impacta positivamente na formação desses licenciandos, que sairão do programa, não só conhecendo os problemas e adversidades da escola pública, mas, também, preparados para lidar com eles. Percebeu-se, também, a notável importância da rede de apoio, que contempla preceptoras, docente institucional e os próprios residentes que se ajudam entre si. Tal rede estabelece e mantém uma ponte entre a escola e a instituição, pois é necessário e urgente “a integração entre Universidade e escolas para uma formação completa e de qualidade, sobretudo que seja formada sob o pilar do respeito e da abertura ao diálogo” (NACARATO, 2016, p. 713).

A construção da identidade docente foi outro aspecto importante percebido neste trabalho, pois tendo em vista que a “identidade constitui-se na relação com seus pares” (MOURÃO, 2015, p. 95), a RP foi próspera, pois a prática deu-se coletivamente e um ponto forte do programa, observado, foi o compartilhamento de experiências coletivamente, tanto em reuniões na escola receptora, quanto na UnB, em eventos e projetos externos. Isso revela consistência na formação e nos faz crer que o programa promove uma formação dialógica e

reflexiva. E, nesse caminho, com tantas possibilidades de práticas diversas, que percebemos na atuação dos residentes, os licenciandos passam a ter um contato maior e mais significativo com a profissão, o que é primordial para a construção de sua identidade docente, logo, para a permanência na profissão, visto que notou-se a grande taxa de evasão e não permanência no ofício após a formação (INEP, 2017).

Nesse caminho, Mourão (2015, p. 39) nos faz perceber que “a identidade docente e seu desenvolvimento profissional se constroem em processo histórico e em relação com as alteridades nos contextos em que estão inserido”. Portanto, a construção da identidade docente está intrinsecamente ligada à forma como a prática se dá na formação inicial e o quanto isso pode ser determinante para a permanência ou não desses sujeitos em formação na sua área de atuação.

Pela ótica de Veiga (2002), apreende-se a noção de participação de todos os atores da escola e o compromisso que todos têm na formação dos licenciandos. O que deu-se, nesta pesquisa, como um desafio para os residentes dentro das escolas, pois alguns professores não tiveram a vontade de recebê-los. Dessa forma, necessita-se despertar em todos os agentes da escola, principalmente aos professores, a consciência da responsabilidade e compromisso que devem ter na formação dos estudantes. Tendo em vista que a RP é um programa novo e comporta uma proposta diferenciada do convencional, em que há uma atuação ativa e concreta dos residentes, os desafios de aceitação de certos professores pode ter advindo de tal fato. Diante disso, seria importante que, nos possíveis novos editais, haja uma reunião inicial nas escolas receptoras onde poderá ser mostrado os trabalhos, projetos, e as contribuições da RP nas escolas. Essas ações podem ser feitas a fim de apresentar aos professores, e demais agentes da escola, a importância de um residente dentro da escola, sobretudo dentro de sala de aula com a importante assistência que um residente confere ao trabalho do professor. A fim, também, de incentivar os professores ao compromisso de contribuir para a formação desses licenciandos.

Finalmente, embora os desafios tidos, o programa da Residência Pedagógica mostrou-se um programa de amplo potencial e largas contribuições para a formação dos licenciandos de Pedagogia da UnB. Com isso, portanto, com todos os dados apresentados, demonstro aspiração para a continuação do programa.

## REFERÊNCIAS

APUFPR SSind. **Fim do Pibid e Residência Pedagógica: queda com efeito dominó na educação**. 2018. (6m 40s). Disponível em: <<https://youtu.be/L4gjSB1qHO8>>. Acesso em: 21 out. 2019.

\_\_\_\_\_. **Docentes destacam incoerências do Programa Residência Pedagógica**. 2018. (4m33s). Disponível em: <<https://youtu.be/wr5UEG8V1FE>>. Acesso em: 21 out. 2019.

ALARCÃO, Isabel (org.) e outros. **Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão**. Portugal: Porto Editora, LDA, 1996.

BRASIL. **Edital CAPES nº 06/2018 que dispõe sobre a Residência Pedagógica**. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2019.

\_\_\_\_\_. CAPES. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. 22 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 15 out. 2019.

\_\_\_\_\_. **Programa de Residência Pedagógica**. 13 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>>. Acesso em: 21 set. 2019.

CAVALCANTE, Maria Marina Dias. A construção da identidade profissional do professor em contexto de trabalho. In: FARIAS, Isabel Maria Sabino de; THERRIEN, Silvia Maria Nóbrega; CARVALHO, Antonia Dalva França. (orgs.). **Diálogos sobre a formação de professores**. - Teresina: EDUFPI, 2012.

DANTAS, Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto. **As relações entre os saberes pedagógicos do formador na formação docente**. 2007. 149 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

FACUNDO, Ingrid. **PIBID x RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**. 2018. (6m57s). Disponível em: <<https://youtu.be/U2MH4N8u4kM>>. Acesso em: 21 out. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. - 50ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GATTI, Bernadete A. **Formação de Professores no Brasil: Características e Problemas**. Educ. Soc. , Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2019.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti. **Pode a Política Pública Mentir? A Base Nacional Comum Curricular e a Disputa da Qualidade Educacional**. Educ. Soc., Campinas, v. 40, e0207906, 2019. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302019000100803&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302019000100803&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 out. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. - 5. ed. - Campinas, SP: Editora: Alínea, 2011.

IMBERNÓN, Francisco; COLÉN, María Teresa. **Los vaivenes de la formación inicial del profesorado. Una reforma siempre inacabada**. Tendencias Pedagógicas, [S.l.], v. 25, p. 57-76, fev. 2015. ISSN 1989-8614. Disponível em:  
<<https://revistas.uam.es/tendenciaspedagogicas/article/view/160/146>>. Acesso em: 21 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. - 2. ed. -São Paulo, Cortez, 2001. - (Coleção Questões da Nossa Época; v. 77).

INEP; MEC. **Censo da educação superior 2017: Divulgação do principais resultados**. Brasília-DF, setembro de 2018. Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-ultimo/file>>. Acesso em: 21 set. 2019.

LÜDKE, Menga. **Universidade, escola de educação básica e o problema do estágio na formação de professores. Formação Docente** – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 1, n. 1, p. 95-108, 9 maio 2009. Disponível em:  
<<https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/7>> . Acesso em: 15 out. 2019.

MIRA, Marília Marques; ROMANOWSKI, Joana Paulin. **A Relação Universidade-escola no Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia: desafios e possibilidades**. EntreVer, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 184-199, jul./dez. 2012. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/view/34249/27131>>. Acesso em: 15 out. 2019.

MIRANDA, Maria do Rosário Amaral Correia. **O impacto da desmotivação no desempenho dos professores**. Dissertação (Mestre em Educação) - Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2012. Disponível em:  
<<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/11906/1/Dissertação%20Final%20-%20Rosário.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2019.

MOURÃO, Ireuda da Costa . **O ensino de Didática na Licenciatura em Química no Brasil**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em:

<<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4809/2/Tese%20-%20Ireuda%20da%20C.%20Mourão.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2019.

NACARATO, Adair Mendes. **A parceria universidade-escola: utopia ou possibilidade de formação continuada no âmbito das políticas públicas?**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p. 699-716, Sept. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782016000300699&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000300699&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 out. 2019.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa - Características, Usos e Possibilidades**. Caderno de Pesquisa em Administração, São Paulo, v. 1, nº 3, 2º sem./1996. Disponível em: <[http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa\\_Qualitativa.pdf](http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2019.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Docência no ensino superior**. - 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2005. - (Coleção Docência em formação).

\_\_\_\_\_. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?**. - 9. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

ROLDÃO, Maria do Céu. **Formar para a excelência profissional – pressupostos e rupturas nos níveis iniciais da docência**. Educação & Linguagem, v. 10, n. 15, p. 18-42, jan.-jun. 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/155/165>> Acesso em: 15 out. 2019.

SILVA, Katia Augusta Curado Pinheiro da; CRUZ, Shirleide Pereira. **A residência pedagógica na formação de professores: história, hegemonia e resistências**. Momento - Diálogos em Educação, v. 27, n. 2, p. 227-247, ago. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8062>>. Acesso em: 15 out. 2019.

SOARES, Andréia e Silva. O currículo e a formação do pedagogo: Percepções dos estudantes. In: SILVA, K. A. C. P. C et al. (orgs.). **Formação de Professores: concepções e políticas**. - 1.ed. - Jundiaí SP: Paco, 2017, p. 39-54.

SOUZA, Sandoval Antunes de; OLIVEIRA, Rúbia Lúcia. O PIBID na UFT: reflexões preliminares sobre a formação docente. In: Carmem Lúcia Artioli, Juliana Santana de Almeida, Viviane de Almeida Lima (orgs.). **Contribuições do PIBID para docência**. - Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Professor: Tecnólogo do Ensino ou Agente Social?. In: Veiga, I. P. A; Amaral, A. L (org.). **Formação de professores: Políticas e debates**. - Campinas, SP: Papirus, 2002, p. 65-93. (Coleção Magistério: Formação de Trabalho Pedagógico).

## APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

13/11/2019

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa sobre "Residência pedagógica" que tem por objetivo analisar os impactos da Residência Pedagógica na formação dos estudantes participantes do programa "Residência Pedagógica - RP", do curso de pedagogia e a contribuição deste mesmo programa na escola receptora dos residentes. Essa pesquisa será realizada com residentes do programa - RP, preceptoras e professores nas escolas receptoras dos residentes. Sua participação no estudo consistirá em responder algumas questões sobre suas experiências na RP como atual residente. O questionário terá uma duração de mais ou menos 8 minutos. Se houver algum problema ou dúvida relacionado à pesquisa você poderá solicitar esclarecimentos a Larissa Soares Nogueira, responsável pela pesquisa por meio do e-mail: [larissasoares410@gmail.com](mailto:larissasoares410@gmail.com). Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você tem a liberdade de não responder ou interromper o questionário a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Você tem a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início do questionário, sem qualquer prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. Objetiva-se divulgar os resultados encontrados na pesquisa por meio de monografia e de eventuais publicações científicas, respeitando-se o sigilo de suas informações individuais. Você pode solicitar os resultados da pesquisa pelo e-mail disponibilizado acima. Fique à vontade para imprimir essa página web e ficar com uma cópia do termo.

#### 1. Você concorda em participar da pesquisa?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

## APÊNDICE II - Questionário enviado aos residentes

13/11/2019

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

16 respostas

Você concorda em participar da pesquisa?

16 respostas



#### Questionário de pesquisa

Essa primeira seção compreende as perguntas sobre os impactos que a Residência Pedagógica - RP trouxe à sua formação.

Você acha que a RP contribuiu para sua prática pedagógica, tendo em vista a relação teoria x prática. De que forma?

16 respostas

Sim, acredito que a vivência em sala se torna essencial para a aplicabilidade de teorias estudadas durante a graduação e principalmente a crítica destas teorias na nossa sociedade atual. A residência ajuda nessa imersão.

Com toda a certeza, a residência pedagógica foi essencial para a minha formação. A começar pelo fato de que construímos laços maiores e de maior tempo com a escola em que somos dirigidos, nós atribuindo maior conhecimento, entendimento da área e nós confrontando com a realidade de ser um professor e os seus desafios enfrentados.

Acredito que a Residência me permitiu entender melhor o ofício e o dia-a-dia do pedagogo exercendo funções tanto na sala de aula, quanto na coordenação ou direção. Mas para além disso, me permitiu também enxergar com outros olhos a educação pública brasileira, seus agentes, potencial, e as possibilidades de mudança e transformação que surgem desse espaço.

Sim, tem me proporcionado viver as experiências em todos os âmbitos da escola, desde a docência à coordenação e orientação, por exemplo.

Te dando mais oportunidades de estar um longo período com o professor regente, o que nos auxilia no momento de vivenciar a teoria

acredito que contribui de forma positiva, entretanto, tive muitas dificuldades de relacionar a teoria adquirida com a prática.

Sim. Entendendo o contexto escolar.

Sim, contribui bastante. Eu senti que a realidade dentro do ambiente escolar ainda não é trabalhada nas aulas da universidade, de maneira a se trabalhar soluções para apontamentos feitos por quem atua dentro das escolas. As inúmeras questões que pudemos observar, são motivo de muita reflexão sobre a carreira, pois atuando como residente (trabalhando e estudando sobre a profissão), me colocou à frente de desafios que certamente enfrentarei, quando já formado e trabalhando.

Agregando conhecimentos relacionados a métodos e práticas aplicadas em sala de aula.

Acredito que com a RP pude relacionar os temas abordados na faculdade e o cotidiano da escola. Permitindo o desenvolvimento da minha visão crítica a respeito de questões relacionadas ao âmbito educacional.

Sim. Acredito que teoria e prática são indissociáveis, mas estar no "chão da escola", vivenciando o dia a dia do ambiente escolar contribuiu, e muito, para minha formação. Me sinto muito mais preparada para entrar em sala de aula, após a experiência com a regência, participação em coordenações e coletivas, etc.

Sim. Pelo menos na escola que tive, pude ter muita oportunidade em vivenciar a prática pedagógica e relacionar o que aprendemos na Faculdade de Educação. Apesar de ter pouca teoria no projeto.

Sim

Contribui, pois na graduação estudamos a teoria mas não imaginamos como é a dinâmica de uma escola tanto na gestão, a logística de funcionamento quanto a sala de aula em si. No primeiro semestre foi legal ter tido o tempo de observação para relacionar e ver que a teoria e prática na verdade andam juntos. Agora que estou iniciando o tempo de regência pude observar minhas dificuldades... Tá sendo muito importante o acompanhamento da minha professora enquanto dou aula e a orientação da preceptora. Minha prática pedagógica tem crescido muito com os projetos de tutoria e reagrupamento que começou esse mês. Onde somos responsáveis (todos adultos da comunidade escolar... Direção, coordenação, prórs, PIBID... Tudo ) por ficar responsável por um grupo pequeno de crianças... Bem na ideia de tutoria mesmo, pra se ter um acompanhamento mais individual

Acredito que é uma ótima oportunidade para vivenciarmos a realidade presente nas escolas públicas que é muito diferente do que aprendemos na teoria.

Sim, eu pude estar mais inserida no contexto da escola, participar de reuniões, conselho de classe, planejamento e outros. Poder acompanhar o cotidiano por 18 meses contribui imensamente em termos qualitativos, o envolvimento é bem mais rico e eu pude acompanhar o planejamento e execução das coisas.

## Você tem certeza da docência? acha que a RP contribuiu de alguma forma para a construção da sua identidade como pedagogo(a)?

16 respostas

Sim, só com a docência são os primeiros passos dentro da sala, e acabam colaborando no entendimento e construção da identidade.

Antes da residência eu estava desanimada com a minha área. O contato com a escola pública e todo o suporte que a residência pedagógica me proporcionou foi apaixonante. A residência teve um papel fundamental na certeza da minha escolha: Docência.

Com certeza acredito que a RP me permitiu fundamentar e entender minha identidade enquanto pedagoga, por mais que não me tenha dado a certeza da docência. Acredito ser uma função que eu gostaria de exercer, mas agrada-me a ideia de usar o que aprendi para repensar políticas públicas, pesquisar novas possibilidades, talvez um pouco de tudo... rrsrrs

Não tenho certeza se quero atuar em sala de aula. E acredito sim que a residência tem sido importante na construção dessa perspectiva.

Sim. o contato com a realidade durante um longo período como ocorre na RP, nos dá a oportunidade de ter a vivência de um profissional docente, o que me ajudou a ter uma nova visão a respeito da profissão

Sim! Com certeza contribuiu positivamente pra minha identidade profissional, principalmente na educação infantil.

Não quero sala de aula. Sim.

Não tenho. A residência me mostrou que eu sei atuar bem nesse ramo, mas melhor ainda, me mostrou que dentro da escola, eu prefiro especificamente a área da coordenação e orientação, ao invés de sala de aula.

Sim.Sim,com experiência em sala de aula.

Não. Não pretendo seguir a área da docência, mas a RP contribuiu para a vontade de seguir a carreira de acadêmica.

Tenho certeza. A RP me fez conhecer diferentes profissionais que atuam na escola, e principalmente, diferentes formas de trabalho em sala de aula, o que auxiliou no meu processo de entendimento do meu papel como pedagoga, além de colocar em prática um plano de aula, lidar com situações adversas, entre outras questões.

Ainda não tenho certeza. Mas sem dúvidas é muito gratificante ver o trabalho do pedagogo e como isso pode fazer diferença na vida de uma criança, sendo assim, acredito que essa parte da docência me toca profundamente.

Desde o início já tinha certeza da docência, mas a RP contribuiu com certeza visto que desejo ser professora da SEEDF, e pude perceber a rotina e como funciona o dia a dia do professor.

Sim, tenho certeza da docência. Contribuiu pois foi a primeira vez que senti a realidade de uma escola, que sofri com os desafios e dificuldades da gestão e dos alunos... Que propus projetos que foram aceitos e reelaborados (caliandra). A primeira vez que acompanhei uma turma desde o início do ano, foi um processo de muito crescimento e que com toda certeza está formando minha identidade como pedagoga.

Consegui estabelecer que essa não é a minha área de atuação, a experiência que a residência está proporcionando deixou isso mais claro.

Eu já tinha certeza de qual era a minha relação com a docência, mas a RP possibilitou que eu confirmasse isso. Contribuiu sim, diante dos desafios do dia a dia na escola eu pude aproximar a visão

que eu tinha de mim enquanto pedagoga com a realidade, além de vivenciar as práticas de outros pedagogos na escola, agregando para a minha prática, tanto em termos de coisas que eu gostei e gostaria de utilizar tanto quanto o oposto disso.

## Você tem/teve uma boa relação com a(o) professora(or) e alunos?

16 respostas

Sim

Sim

Sim, os professores me receberam muito bem. Alguns são mais fechados em relação a nossa presença na sala de aula (passei por essas experiências). Essa falta de abertura de alguns professores me desmotivou mas na residência tive a oportunidade de trocar e ir para um professor que me adaptasse melhor. Porém, todos os professores que fiquei me acrescentaram em algo positivamente.

Me apeguei fortemente aos alunos, adoro sentar para conversar com eles, pensar sobre conflitos, brincar, aprender mais... Já com os professores a conexão não foi tão espontânea e clara. Por só ir pela manhã também não tive tempo de coordenação, então no final das contas foram poucas as professoras a quem me aproximei e as relações foram superficiais em sua maioria.

Sim, uma ótima relação.

sim. fui muito bem recebido

Nas 3 turmas que passei, infelizmente não tive boa relação com a professora de contrato que adentrou a turma do 2 ano. A professora não permitia que eu colaborasse com nada durante a aula.

Sim.

Sim.

Sim. Tenho um contato muito próximo com todas as professoras que auxiliei e com os alunos, também. Entendo que esse bom relacionamento também faz parte de uma prática mais eficiente e humana.

Eu passei por diversas salas e nem em todas elas fui bem recebida, as vezes não me sentia relevante no local. Mas em outras fui bem recebida e tínhamos um bom relacionamento.

Sim, os professores foram todos bem receptivos com os residentes desde o início.

Sim, construí uma relação de amizade que vai para além da escola com a prof, e amo os alunos (principalmente os da alfabetização) que descobri que é a área que quero seguir

Com alguns professores. Sinto que tem uma relutância em relação a presença dos residentes por parte de alguns professores. A relação com os alunos foi mais tranquilo.

## Você participava ativamente das atividades da escola e da sala, na

**qual estava inserido(a), sentia-se pertencente àquele espaço?**

16 respostas

Sim

Em alguns momentos sim, em outros não. Às vezes a escola exclui a gente de eventos e de comunicados, isso faz eu me sentir não pertencente da escola. Mas ao mesmo tempo fui bem acolhida em algumas situações e principalmente pela professora que eu fico em sala.

Desde o início não poupei esforços e com pouca intervenção da escola e da preceptora, onde eu desejava ficar, era permitido. A comunicação foi falha em diversos momentos, mas nada que afetasse tanto o processo dentro da escola. Sempre fui muito bem recebida, praticamente todos sabiam meu nome, pediam ajuda e davam liberdade para sugestões e intervenções. Na sala de aula, talvez pelo método ainda tradicional da maioria dos professores, foram pontuais as participações ativas ao longo dos meses.

sim, a receptora fazia questão que participasse de todas as atividades escolares.

Sim! Vejo que a escola nos dá oportunidade de participar das atividades propostas.

As vezes.

Sim!

Sim. Conhecer os alunos e suas dificuldades foi uma experiência bastante incentivadora para buscar novos conhecimentos.

Sim

No início da RP, não. Pois, sentia que a escola no geral (professores, coordenadores, apoio à direção e direção) não tinham sido apresentados ao programa, pelo menos não de forma clara, e não compreendiam nossa função na escola. No entanto, no corrente ano de 2019 isso foi esclarecido e passei a me sentir parte do espaço, sendo convidada a participar de grande parte das atividades, se não todas, que a escola promove.

Sim. Apenas no semestre passado tive alguns problemas e meu tempo de sala de aula foi bem reduzido, porém, fizemos atividades sem estar em sala que me fazia conhecer bem a escola como um todo, como por exemplo, a avaliação de leitura: criança por criança liam histórias e íamos analisando, enfim, foi um processo que me fez ser pertencente do ambiente escolar.

Da escola muitas vzs não, procurava sempre estar presente, mas muitas vezes me senti só mais um estagiário ali dentro da escola.

Mas da sala de aula sim, a professora sempre contava com minha presença e fazíamos um trabalho em conjunto tanto durante as vivências como na regência. Apesar de não concordar muitas vezes com a didática da professora.

Sim, a escola tem muita coisa acontecendo ao mesmo tempo... Vários projetos, coletivas, núcleos, cursos da secretária que a preceptora conseguia nos colocar, reuniões... Além das horas em sala. É até difícil acompanhar tudo, mas participo das atividades e me sinto pertencente ao espaço, a ideia de ser uma comunidade de aprendizagem ajuda nesse sentimento de que todos são pertencentes e bem vindos na escola.

Nem sempre, por ir só duas vezes por semana acabo ficando de fora de muitos outros projetos que acontecem em outros dias e horários. Mas estabeleci uma relação boa com a última professora que acompanhei e desenvolvemos um projeto para aplicar com os alunos dela.

Sim, sempre que viável. Só não participava quando realmente não era possível. No entanto não me sinto pertencente ao espaço, algumas condutas não são compatíveis com o que eu acredito.

## Essa seção diz respeito à relação entre RP e Estágio Supervisionado tradicional.

Quais as diferenças que você, como atual residente, percebeu entre a RP e o que você conhece de estágio supervisionado?

16 respostas

Acredito que a liberdade e a participação em sala. Na residência como o tempo de participação é maior me senti pertencente aquele meio.

O estágio supervisionado é um período muito curto e acredito ser uma experiência superficial. A residência é uma experiência completa, partindo do ponto de que passamos um ano de troca de experiências com escola (professores, coordenadores, alunos, pais e toda a gestão). Na residência temos também as reuniões com a preceptora na escola e as reuniões na UnB com o professor responsável. O elo é maior e consequentemente a construção de aprendizagem também. Sentimos com mais clareza o que é a docência.

Não tive experiência com o estágio supervisionado antes da RP, acredito que não consigo opinar.

A possibilidade de participação em todas as áreas da escola. Além da permissibilidade de atuar em sala não só como observadora, mas, também, com auxílio individuais, construção de material pedagógico, construção do plano de aula, participação na coordenação pedagógica, na construção de projetos extra sala.

o tempo de acompanhamento e troca de experiências que ocorre entre professor; residente; aluno; escola; direção.

Tive a oportunidade de fazer o estágio supervisionado em outro momento, e pude verificar que existe muitas diferenças entre eles. Apesar dos dois necessitarem de regência, a RP me deu muito mais liberdade e autonomia de me inserir no contexto. O tempo da RP cria um vínculo maior com os alunos e com a escola.

Acho que a residência dá mais liberdade.

Na residência, é obrigação minha estar à frente de sala de aula em alguns momentos, assim como posso participar ativamente das demais atividades da escola, diferente do estágio supervisionado, que nos oferece apenas a visão de professor. Sem falar na bolsa, que sem dúvida serve de motivação ainda mais!

A RP foi a minha primeira experiência com educação infantil e supervisão escolar.

Acredito que a RP possibilita maior interação com o cotidiano e a comunidade escolar.

Acredito que esse tempo mais estendido seja fundamental e um grande diferencial, além das horas de regência. Outro ponto seria o acesso a diferentes profissionais e áreas, fazendo com que a experiência na escola seja mais abrangente.

Eu não tive experiência com estágio supervisionado, porém, acredito que o professor tutor esteja mais presente com os alunos num estágio assim. Senti falta de reuniões com teorias, discussões e outras coisas.

A própria vivência dentro da escola, o dia a dia, acompanhar a turma durante todo o ano, a relação com os professores, poder participar de conselhos de classe, reuniões, formação e etc.

Que a residência tem mais liberdade pra conhecer todas as áreas da escola, não é só a sala de aula. temos o tempo de observação que da segurança p regência, pois já temos um laço afetivo com os alunos e a escola... Não é só chegar no nervosismo e da uma aula na turma que te jogarem como vejo que acontece no estágio. Tem a questão da bolsa também que ajuda a gente se manter na escola e no estágio normal não tem

Acho que temos mais acesso aos outros espaços da escola, além da oportunidade de desenvolver projetos.

Como já citei antes, a principal diferença que percebo é o salto qualitativo permitido por causa do tempo de envolvimento.

## Como você acha que seria seu estágio se não existisse a RP?

15 respostas

Apenas representações em uma linguagem academica mecânica de um ambiente de observação

Acredito que a relação de amizade, afeto e troca de experiências seriam menores. Apenas cumpriria o tempo estabelecido com menos envolvimento com a docência, com os professores, com os alunos e com as realidades enfrentadas.

Acho que grande parte da RP foi o vínculo com a escola, os alunos e o espaço de autonomia que vivenciei com a equipe gestora. Foi muito interessante fazer parte da equipe escolar de forma tão diversa como enquanto "residente". Talvez tenha sido essa a melhor parte, a forma como existiu o acesso e trabalho em outras áreas na escola, desde a simples organização de um depósito, passando pelo planejamento de uma aula regular até a implementação de um projeto fora da sala de aula. Não acredito que teria vivenciado essa gama de experiências no estágio supervisionado.

Mais burocrático e limitado.

Seria algo corrido e raso

Como eu já fiz o estágio, pude ter acesso a essas duas realidades.

Seria fora da escola.

Imagino que seria como mais um trabalho de uma disciplina, mas voltado somente para a sala de aula.

A RP agregou conhecimentos relacionados ao ambiente escolar e proporcionou o que outros estágios talvez não ofereçam como a ambientação e observação para posterior docência.

Limitado.

Não sei.

Bem superficial

la ser ruim, pelas questões já mencionadas... Não iria ter tanta experiência pq o tempo é menor e as condições do estagio não são favoráveis

Algo focado em uma área específica dentro da pedagogia, sem abranger todos os campos que a escola possui.

Bom, eu já havia feito todos os estágios antes de estar na RP, todos tiveram suas peculiaridades e eu aprendi muito com todos, não há como eu comparar. Mesmo eu reconhecendo a vantagem do tempo de estágio que a RP proporciona isso não significa que a minha vivência tem sido melhor ou pior que os estagios por onde passei, são vivências.

### **Essa seção diz respeito aos efeitos percebidos na escola receptora e sua relação com os atores da mesma.**

**Você percebeu alguma diferença no desenvolvimento da(s) turma(s), na qual estava inserido? Se sim, quais?**

16 respostas

Sim, acabei por auxiliar no desenvolvimento de alguns alunos, onde uma professora apenas em sala não era suficiente para garantir que a turma "caminhasse de forma igual"

Sim, estou em sala de alfabetização e os meninos estão começando a ler. É maravilhoso perceber o desenvolvimento deles.

Foi muito interessante poder ver de perto a evolução dos alunos do 5º ano até o momento da formatura, ver o crescimento das crianças de um ano para outro, mas as turmas que acompanhei com mais frequência foram turmas de 1º ano. A evolução ao longo desse processo de aprendizagem é muito interessante, mas acredito que o maior desenvolvimento que notei ainda foi na questão do comportamento. Observei muitos conflitos e foi interessante ver a forma como as crianças começam a aprender a lidar com eles e como a visão delas muda ao longo do tempo em relação às figuras de autoridade, os colegas, etc.

Sim. Principalmente na leitura e escrita dos alunos. Tiverem uma evolução absolutamente positiva no sentido da escrita de textos e interpretação.

sim, o avanço de alguns alunos na questão de ensino e aprendizagem e a mudança de postura ( de maneira positiva), dos professores que acompanhei.

Sim! Em especial de uma aluna que não era alfabetizada por várias circunstâncias, e hoje ela está no 3 ano e houve um super avanço da aprendizagem dela.

Sim. Evoluções diárias, cada criança tem seu tempo.

Não percebi muita diferença.

Sim. Ao acompanhar as turmas de Educação infantil do início do ano ao final observa-se desenvolvimento na escrita na alfabetização.

Sim. Desenvolvimento escolar das crianças

Sim. Ter uma residente, além da professora regente, possibilita um trabalho mais atencioso e individualizado, percebendo e agindo em questões que poderiam passar despercebidas.

Sim, podemos perceber que eles se desenvolvem bem mais. Na avaliação de leitura, podemos ver a evolução deles na leitura e como vão criando autonomia a partir de que vão se desenvolvendo.

Sim

Sim, o processo da alfabetização é incrível... Da pra acompanhar os níveis certinhos que a gente estuda da psicogênese, além do cognitivo percebi uma mudança absurda da maturidade das crianças depois do segundo semestre, nem parecem as mesmas. Nas outras turmas não sei muito pq estava bem ligada a alfabetização e era bem raro estar em outras salas

Sim, com o projeto que desenvolvi com a última professora que acompanhei, conseguimos ter um avanço enorme na leitura e escrita de alguns alunos que tinham mais dificuldade.

Sim, sempre. Falando especificamente da minha presença eu pude ajudar mais os professores à dar atenção para todos os alunos, como todos estão em níveis de aprendizagens diferentes ter uma ajuda à mais em sala é sempre bem vinda, os professores ganham e os alunos também

## E no âmbito geral da escola, quais foram os efeitos percebidos com a presença dos residentes?

15 respostas

Acredito que em âmbito geral não surtiu grandes mudanças

No âmbito geral da escola não houve envolvimento na minha opinião. Nosso envolvimento foi mais com a professora responsável e a preceptora, os demais integrantes da escola nem falam com a gente na maioria das vezes. Não fomos apresentados para toda a equipe da escola e isso foi um ponto negativo da residência.

No início acredito que o sentimento de todos era "ok, mas e agora?". Ao longo do tempo fomos meio que nos tornando "pau pra toda obra" e no final das contas acho que fomos isso mesmo. Ficamos com alunos, professores, nas reuniões de pais, nos reagrupamentos... Estávamos envolvidos sempre que possível e a escola sempre pareceu muito satisfeita com nossa presença e auxílio.

De maneira geral, acredito que haja uma falta de compreensão do nosso papel na escola. Apesar de viver excelentes experiências com a escola, as vezes sinto que somos a solução para todos os problemas. Resolver casos de "alunos problemas", nos responsabilizamos pelo ensino de crianças com deficiência. Isso fragiliza um pouco nossa relação.

Uma atenção especial à alguns alunos e realização de novas atividades na escola.

Um outro olhar de "estagiário" que os professores têm sobre nós.

Acho que mais agilidade em alguns processos.

A escola nos recebeu bem, fomos solicitados para participar das atividades de sábado, reuniões e festinhas da escola; supervisão dos alunos, ajudar em vários contextos.

Com a presença dos residentes os professores tiveram mais suporte para realizar seus projetos.

Acredito que todo apoio e auxílio que a escola recebe é positivo, ainda mais vindo de estudantes comprometidos com o programa e com a escola.

A escola tem muito mais ajuda, as professoras no geral se sentem muito felizes com o auxílio que damos, tanto dentro da sala de aula e fora dela.

Não consegui ver efeitos.

Tiveram que readaptar alguns horários, criar regras que não tinham antes p logística da escola mesmo... Tá sendo contributivo pra questão dos reagrupamentos e tutoriais e seria até bom ter mais gente, por que algumas salas realmente precisam de mais adultos e muitas pessoas saíram da escola esse ano (Pra mestrado,aposentadoria) então eles gostam da nossa presença lá.

Acredito que no início era só dentro das salas, com o tempo os projetos começaram a ser desenvolvidos e os residentes conseguiram ocupar outros espaços e desenvolver atividades que abrangem toda a escola.

Contribuímos com nossas experiências e ideias, pudemos ajudar a escola com o que precisavam também.

## Qual é/era sua relação com a preceptora?

16 respostas

Profissional apenas

Ela foi muito solícita e compreensiva. Estava disponível para o que fosse preciso.

Talvez pela correria do dia-a-dia, a preceptora sempre foi uma grande ajuda, sem nunca muito contato ou acompanhamento. Ela ficou bastante responsável pela comunicação entre nós e a coordenadora da RP, além da comunicação entre nós e a escola. Acredito que poderia ter sido melhor, com mais participação, mais proposições.

É uma relação muito boa. Ela está sempre aberta ao diálogo e é bastante compreensiva com nossas questões, e sempre intercedeu por nós.

bastante positiva, pois a preceptora sempre tem o cuidado e o incentivo a docência com os residentes com os residentes

Boa.

Boa.

Apesar de não ser muito próxima, como uma orientadora, e me sentir um bocado perdido, ela nunca negou ajuda, e sempre que pode, chamava para auxiliar e participar também.

Excelenterelação.

Boa

Por atuarmos em turnos diferentes, o contato acontecia em momentos pontuais. No entanto, sempre se mostrou muito solícita e atenciosa.

É boa. A preceptora sempre está apta a ajudar e preocupada se caso ocorra algo, ela pensa na escola e em como podemos fazer pra acrescentar coisas, principalmente na fase de transição em que a escola se encontra, para uma comunidade de aprendizagem.

Boa, ela estava sempre presente e disponível para nos ajudar e tirar dúvidas.

Boa! ela orienta, tira dúvidas, demonstra interesse, faz reuniões toda semana, indica livros, apresenta palestra com a gente... Se preocupa com a relação que estamos significando da teoria e prática.

Tranquila, ela me dava abertura para opinar e desenvolver atividades com as crianças.

Muito boa, ela sempre ajuda quando precisamos e procura se envolver.

## Qual é/era sua relação com os demais atores da escola (diretor(ra), equipe pedagógica, professores, etc?)

16 respostas

A única relação que mantenho é com a professora que acompanho

Nenhuma relação, as vezes nos cumprimentavamos, as vezes eles nem olhavam pra gente.

Houveram alguns professores que marcaram minha experiência na RP. Alguns muito positivamente, outros bem negativamente (no sentido de pensar "beleza, nunca poderei fazer absolutamente nada que essa pessoa está fazendo na minha sala de aula"). Devo ter visto a diretora da escola três vezes no último ano que estive lá, mas existe alguma comunicação com a vice-diretora e alguns integrantes da equipe pedagógica.

Com os professores é uma relação muito boa. Com os de mais, também é uma relação boa, porém, bem mais distante.

a escola foi bem receptiva, nos momentos em que estava na sala dos professores me sentia parte da escola

Não tenho muito acesso a equipe na direção, apenas com a preceptora. A relação que tenho com a professora atual, tenho uma excelente relação.

Indiferente.

Boa relação.

Todas as relações eram favoráveis.

Boa

Relação próxima e amigável.

Não muito próxima, mas sempre nos tratamos muito bem, com cordialidade e parceria.

Superficial

Não é uma relação muito íntima, conheço por nome só... mas é tranquila

Pouca relação.

Muito boa com aqueles que convivi mais, na escola em que atuo não houve uma apresentação do nosso grupo com os demais atores então cada um teve que ir conhecendo por conta própria e sinto que isso segregou a nossa relação, cada residente ficou meio que num círculo fechado de pessoas, principalmente com aqueles regentes das salas em que ficamos. Os coordenadores e diretores sempre nos procuram, nos envolvem em iniciativas

## Essa seção diz respeito aos aspectos potenciais e desafios da RP.

### De forma geral, quais os desafios encontrados durante a RP?

15 respostas

As horas de regência, justamente pela falta de prática.

De acordo com, as diversas realidades encontradas na escola, nos residentes chegamos para somar e, as vezes nos deparamos com professores desesperados que não sabem mais o que fazer. Nos precisamos estar preparados e tentar propôr algo e oferecer um suporte maior. Este é um desafio pois também não sabemos o que fazer, as vezes.

Acredito que meu maior problema foi a falta de estímulo. Por muito tempo fiquei acompanhando algumas aulas, auxiliando aqui ou ali, o que seria tranquilo se não fossem os múltiplos desafios que existem entre as quatro paredes da escola. Agressão de alunos (quando ficava encarregada de acompanhar alunos com deficiência em turmas inclusivas), falta de organização da equipe escolar (descobríamos o que fariamos no dia na hora que chegávamos na escola), falta de informação e comunicação (10h semanais, incluindo reuniões, planejamento, encontros, que se reduziam a 5h na escola em dois dias da semana sem planejar, discutir ou implementar nada).

Entender o meu papel na escola. Pensar em estratégias pedagógicas adequadas a alunos com deficiência. Manter um diálogo contínuo com a direção da escola.

Distância, continuidade e trabalhar a inovação( a teoria)

Reuniões com a coordenadora; reunião com os residentes da escola; aceitação de alguns professores

Ter professores mais receptivos.

Em maior parte a organização da própria escola e da CAPES em entregar o relatório final.

Criar planos de aula e lidar com algumas dificuldades relacionadas a falta de conhecimento para agir com alguma criança com transtorno ou deficits.

Apresentação do programa e ambientação na escola

Marcar reuniões, estar presente sempre que possível, algumas questões de organização, de saber o que deve ser feito e etc.

Práticas pedagógicas desenvolvida pelas professoras que acompanhei, muitas vezes não conseguia concordar e por conta disso tive que trocar de turma.

A turma de segundo ano, são uns 60 alunos por sala pq tem a co-docencia e alguns estagiários... É realmente um desafio tá lá, nem sei se conseguiria dar aula.

Conseguir lidar com as adversidades presentes na escola pública e da falta de união presente dentro da escola em relação a gestão, os professores e a comunidade.

Diálogo com o corpo docente e, de início, entendimento errôneo da proposta da nossa atuação na escola.

## De forma geral, quais as principais contribuições da RP?

16 respostas

Acredito que um maior entendimento no papel do pedagogo dentro de sala

Vivência mais completa da docência.

A RP me permitiu admirar a escola pública em outros níveis, entender o processo democrático que existe dentro dessa realidade e como ele pode ser um exemplo para a renovação política e social que a educação pode fornecer. Perceber as nuances na formação do pedagogo, enxergar novas possibilidades para a formação de professores, entender a realidade escolar contemporânea, pensar novas abordagens para a sala de aula e para a cidadania. Entender o quanto a Universidade pode ser uma potência ainda maior trabalhando junto à escola.

A prática docente, entender rotina, processos, burocracias, metodologias, estratégias pedagógicas que nos auxiliem na nossa carreira em formação.

uma outra forma de ver os profissionais da educação e seus dia a dia, perceber como é necessário inovar na educação para alcançar todos os alunos e a necessidade do uso de material concreto para aprendizagem.

Aprendizagem; oportunidade

Crescimento profissional.

Encontre-se como profissional da educação, e onde quero atuar dentro da escola.

Maior conhecimento pedagógico.

Promoveu o meu contato com docência, no qual não tive oportunidade durante a graduação

Vivência em sala de aula, construção e aplicação de planos de aula, interação com professores atuantes, etc.

Sem dúvidas foi ver que você estava contribuindo com uma escola, ajudando, sendo útil, ver nos olhos das crianças a gratidão de ajudá-las em um simples exercício.

Poder vivenciar a escola, acompanhar o dia a dia da escola, ir além da observação

A formação da nossa identidade profissional, a questão da prática msm

A prática e a vivência nos proporciona inúmeros aprendizados, a ponte feita com toda a equipe escolar, professores e alunos nos coloca diretamente em contato com essa realidade.

Entendimento maior do funcionamento interno da escola por meio da prática.

## O que poderia ser melhorado no projeto, tanto no âmbito da UnB, quanto no âmbito da escola receptora?

15 respostas

Mais reuniões, uma participação mais ativa.

Com certeza enfatizar a importância nossa existência para toda a gestão escolar e acredito que falta suporte teórico para embasar nossas práticas e até para nos motivar e gerar idéias de como lidar com os diferentes tipos de situações deparadas.

Acredito que precisa ser deixado claro o que se espera dos residentes, da escola e da UnB. Senti que os alunos culpavam a preceptora, a coordenadora culpava os alunos, a escola culpava os residentes (hipoteticamente). Foi um aponta pra lá, aponta pra cá, sendo que na verdade ninguém tava entendendo nada. O potencial da RP é inegável, mas ele só poderá ser eficientemente implementado se houver alguém a recorrer que queira solucionar os problemas, ao invés de culpar um pelo outro. Se os residentes estão desmotivados, o que fazer? Se a preceptora não está implementando o que foi discutido, o que fazer? Se a coordenadora sente que existem empecilhos no processo, quais são eles? A quem posso recorrer para trabalhá-los? Acredito que o fato de que possuímos dois documentos para nos guiar ao longo de todo o processo deixa bem clara a forma como em nenhum momento foi-se colocado a mesa o que era esperado e como realizá-lo.

O repasse de informações. Acho que houve muitos desencontros nas falas e orientações da CAPES, orientadoras e preceptoras. É necessário um esclarecimento maior sobre o projeto.

a unb poderia proporcionar uma maior troca entre todos os cursos participantes da residência, e com relação a escola, um envolvimento maior no planejamento pedagógico, não só da escola como também dos docentes

Integração

Maior participação das professoras responsáveis pelo projeto.

Em geral, organização e diálogo entre a escola e nós, assim como planejamento entre os objetivos a serem alcançados e como podemos atuar.

Tudo foi bom.

Mais orientação e supervisão.

A apresentação do programa e ambientação na escola poderiam ser mais claras e efetivas. Acredito que esses pontos atrapalharam um pouco na "engrenagem" inicial do programa.

Ter mais teoria e mais parceria, mais informações do que deve/deveria ser feito. Acredito que muita gente se comprometeu em participar, mas não fez como deveria e assim acaba prejudicando a si mesmo, os colegas e a escola.

A comunicação, a relação entre todos os residentes e todas as preceptoras.

Não sei

Acredito que uma apresentação melhor do âmbito escolar, do residente e do trabalho que ele pode desenvolver.

Você acha que o programa deve continuar? Por quê?

16 respostas

Sim, acho que todos deveriam ter a oportunidade de participar ativamente de uma escola durante um período prolongado

Com certeza e se tivesse a oportunidade faria parte novamente, sinto que somos uma família. Só de pensar que o projeto vai acabar dá um aperto no coração.

Sem dúvida alguma. O processo de formação do pedagogo é voltado para a docência, e leva em consideração multifacetadas da realidade que são necessárias para se pensar a sala de aula a formação humana. Acredito que em toda a sua diversidade, adversidade e multiplicidade, a RP contribui em muito para a compreensão de uma cidadania plena, uma escola aberta, participativa e autônoma, dando espaço a outras dimensões do ser pedagogo e do fazer pedagógico.

Sim. É uma experiência a longo prazo que te permite entender a prática docente como um todo. Te permite estar imerso no universo escolar de maneira real.

sim, possibilitar uma maior interação com a escola e poder sentir parte de tal é de fato uma experiência de ser um educador na sua "plenitude".

Sim! A aprendizagem e a oportunidade que a RP oferece, é sem dúvida muito melhor que o estágio supervisionado.

Sim. Porque enriquece o currículo e faz o estudante ter mais experiência prática.

Sim, pois é um progresso enorme em comparação aos demais cursos, onde o campo profissional abraça os estudantes da área mostrando os lados nem sempre são vistos por quem entra e sai sem estagiar.

Sim. Pois possibilita aos alunos maior contato e conhecimento relacionados ao âmbito escolar.

Sim, pois possibilita para os alunos de licenciatura um contato prévio com o ambiente escolar, o que facilita a sua formação acadêmica.

Sim!!! Porque o programa contribui positivamente com a formação docente e possibilita um contato mais próxima entre a academia e a sociedade.

Sim, sem dúvidas. Está imerso numa escola por um ano e meio é super importante, ter oportunidade de vivenciar vários momentos, vários ambientes, vários espaços, conhecer crianças e dar sua contribuição é fundamental.

Sim! Pois ele nos desafia a viver a escola na sua integralidade, não pensar a escola e a docência só como sala de aula, mas como um todo.

Sim, pq é importante pra nossa formação e é importante pro funcionamento das escolas que nos recebem.

Sim, pois a residência proporciona a possibilidade de conhecer o cotidiano escolar mostrando a realidade vivenciada na escola pública com todos os seus desafios.

Sim, é uma grande oportunidade de aprendizagem.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

